

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio Profissional I, II e III

Denise Vanessa Ferreira Carvalho

Lisboa, julho de 2022



Parecer do/a Orientador/a

Orientador/a (nome completo)..... Isabel Maria Silva Ruivo.....

Coorientador/a (nome completo).....

tendo presente o Relatório de Estágio Profissional da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvido pelo/a licenciado/a, Denise Vanessa Feneiro Canilha.....

realizado no âmbito do Mestrado Profissionalizante (2º Ciclo de Estudos) em Educação
PNE - Escolar.....

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.
Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrados do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório de Estágio Profissional apresentado pelo/a candidato/a.

Lisboa, 15 de julho de 2022

O/A Orientador/a

.....
(Assinatura)

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio Profissional I, II e III

Denise Vanessa Ferreira Carvalho

Relatório apresentado para a obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo

Lisboa, julho de 2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais e irmão por nunca terem desistido de me apoiar ao longo dos altos e baixos deste mestrado. Eles sempre estiveram ao meu lado dando-me esperança de que tudo se resolveria e que com perseverança e dedicação tudo se consegue.

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Ruivo, pela paciência, pelo carinho e pela atenção que me dedicou neste meu regresso, mas sobre tudo por acreditar em mim, mesmo naqueles momentos em que achei que não seria capaz.

A todo o corpo docente da Escola Superior de Educação João de Deus por me ensinarem todos os dias o verdadeiro significado de dedicação, persistência e resiliência.

À minha nova turma de Mestrado que me recebeu tão bem!

A todas as educadoras dos Jardins-Escola João de Deus que me acompanharam ao longo dos anos. Um agradecimento especial à Educadora Marisa Terrinca por ter sido uma inspiração neste último semestre de estágio.

Ao Centro Social e Paroquial Casa de São José pelo amor, carinho e apoio que me deram ao longo destes anos. À Lurdes Silva pelo apoio e carinho nesta etapa. À Daniela Morgado e Filipa Fonseca por se terem demonstrado sempre dispostas para me ajudar em tudo. Às minhas colegas de sala, Maria José Rodrigues, Sara Lucas Moreira e Paula Cristina Veiga, sem vocês e sem a vossa disponibilidade de troca de horários, a concretização deste sonho não teria sido possível.

Às minhas amigas, colegas e educadoras de infância, Ana Rita Nunes e Soraia Esteves, que mesmo longe estiveram sempre perto e que foram minhas companheiras em muitas aventuras.

Aos meus meninos atuais e aos que já estão noutras etapas de ensino, um obrigado muito especial. Sem vocês o meu amor a esta profissão não seria o mesmo. Foram vocês que me mostraram o quão maravilhosa ela é.

E por último, mas não menos importante, ao meu marido Rúben Gonçalves pela paciência e companheirismo que teve com os meus nervos e medos. E ao meu filho Vicente, é por ti filho, para que tu vivas num mundo melhor, que eu prometo exercer esta profissão com toda a dedicação, zelo, paciência e sobretudo amor.

Não te direi as razões que tens para me amar,

Pois elas não existem.

A razão do amor, é o amor.

Saint-Exupéry

RESUMO

O presente Relatório de Estágio Profissional I, II e III foi elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação João de Deus. Tem como objetivo apresentar as diferentes situações vividas e aprendizagens adquiridas durante o Estágio. Faço a ressalva de que os EP I e II foram realizados no ano letivo 2010/2011 e o EP III no ano letivo 2019/2020.

Este relatório está dividido em 4 capítulos: Relatos, Planificações, Dispositivos de Avaliação e, por fim, a apresentação de uma Proposta de Projeto Educativo a implementar na Educação Pré-Escolar.

No primeiro capítulo são apresentados dez relatos de estágio assim como as respetivas inferências, sendo que sete desses relatos são atividades realizadas pelas educadoras e os restantes três descrevem atividades realizadas por mim com o grupo de crianças.

No segundo capítulo apresento seis planificações efetuadas no âmbito da educação Pré-Escolar, nas diferentes faixas etárias, estando estas devidamente fundamentadas.

O terceiro capítulo diz respeito à avaliação. Aqui é descrito a importância da mesma e apresento três dispositivos de avaliação, com os critérios e parâmetros utilizados para a sua realização.

No quarto capítulo é apresentado um trabalho de projeto, que tem como nome “Animal Ark”. Com este projeto pretendo sensibilizar as crianças em idade pré-escolar para a preservação da vida animal.

Por fim, termino o meu Relatório de Estágio Profissional com as considerações finais, que nada mais são do que uma reflexão do meu percurso académico ao longo deste Mestrado. Nesta secção estarão descritas as minhas aprendizagens e as minhas dificuldades ao longo dos três semestres de estágio.

Palavras-Chave: Educação Pré-Escolar; Estágio Profissional; Planificação; Avaliação; Trabalho de Projeto.

ABSTRACT

This Professional Internship Report was prepared within the scope of the Master in Pre- School Education, from the Escola Superior de Educação João de Deus. It aims to present the different situations experienced and learning acquired during stages I, II and III, I note that stages I and II were carried out in the academic year 2010-2011 and stage III in the academic year 2019-2020.

This report is divided into 4 chapters: Reports, Planning, Assessment Devices and, finally, the presentation of an Educational Project Proposal to be implemented in Pre-School Education.

In the first chapter, ten internship reports are presented as well as the respective inferences, seven of which are activities carried out by the Educators and the remaining three describe activities carried out by me with the group of children.

In the second chapter, I present six plans carried out within the scope of pre-school education, in different age groups, which are duly substantiated.

The third chapter concerns the evaluation, here the importance of the evaluation is described and I present three evaluation devices, as well as the criteria and parameters used to carry out the evaluation.

In the fourth chapter a project work is presented, whose name is "animal Ark". With this project, I intend to raise awareness among preschoolers about the preservation of animal life.

Finally, I finish my Professional Internship Report with the Final Considerations, which are nothing more than a reflection of my path during the Master's. In this section, my learnings and my difficulties over the three semesters of the internship will be described.

Key words: Pre-school education; Professional internship; Planning, Valuation; Project Work.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
Identificação e Contextualização do Estágio Profissional	2
Calendarização e Cronograma	3
CAPÍTULO 1 – Relatos de Estágio	5
1.1. Descrição do Capítulo	6
1.2. Relatos de Estágio	6
1.2.1. Relato de Estágio 1 - Grupo 3 anos	6
1.2.2. Relato de Estágio 2 - Grupo 3 anos.....	7
1.2.3. Relato de Estágio 3 - Grupo 4 anos	8
1.2.4. Relato de Estágio 4 - Grupo de 4 anos	9
1.2.5. Relato de Estágio 5 - Grupo de 5 anos	11
1.2.6. Relato de Estágio 6 - Grupo de 5 anos.....	12
1.2.7. Relato de Estágio 7 - Grupo de 5 anos	12
1.2.8. Relato de Estágio 8 - Grupo de 5 anos.....	14
1.2.9. Relato de estágio 9 - Grupo de 5 anos	14
1.2.10. Relato de estágio 10 - Grupo de 5 anos.....	15
CAPÍTULO 2 – Planificações.....	16
2.1. Descrição do Capítulo.....	17
2.2. Fundamentação Teórica.....	17
2.3. Planificação em Quadro	19
2.3.1. Planificação de uma atividade da Área do Conhecimento do Mundo.....	19
2.3.2. Planificação de uma atividade do Domínio da Matemática	20
2.3.3. Planificação de uma atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	22
2.3.4. Planificação de uma atividade do Domínio da Matemática.....	23
2.3.5. Planificação de uma atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	24
2.3.6. Planificação de uma atividade da Área do Conhecimento do Mundo	26

CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação	28
3.1. Descrição do Capítulo	29
3.1.1. Fundamentação Teórica	29
3.2. Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo	31
3.2.1. Contextualização da atividade	31
3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	31
3.2.3. Apresentação e análise dos resultados	32
3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática	34
3.3.1. Contextualização da atividade	34
3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	35
3.3.3. Apresentação e análise dos resultados	36
3.4. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	37
3.4.1. Contextualização da atividade	37
3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	38
3.4.3. Apresentação e análise dos resultados	40
CAPÍTULO 4 – Proposta de Trabalho de Projeto “Animal Ark” – Preservação da vida Animal	42
4.1. Descrição do Capítulo	43
4.2. Fundamentação Teórica	43
4.3. Desenvolvimento do Projeto	48
4.3.1. Problema	48
4.3.2. Problemas parcelares	48
4.3.3. Destinatários	49
4.3.4. Entidades envolvidas	49
4.3.5. Motivação e negociação	49
4.3.6. Objetivos gerais	49
4.3.7. Objetivos específicos	50
4.4. Planeamento	50
4.5. Recursos	52
4.6. Produtos finais	52

4.7. Avaliação	52
4.8. Calendarização	53
4.9. Considerações finais do projeto	53
REFLEXÃO FINAL	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

ANEXOS

Anexo 1 – Grelha de observação da proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Anexo 2 – Grelha de Registo de respostas das crianças sobre a atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Anexo 3 – Dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Anexo 4 – Grelha de observação da proposta de atividade do Domínio da Matemática

Anexo 5 – Dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Anexo 6 – Grelha de observação da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Anexo 7 – Imagens recolhidas na visita à exposição “*PhotoArk*”

Anexo 8 – Fotos dos animais selecionados pelas crianças

Anexo 9 – Grelha de avaliação feita pelas crianças

Anexo 10 – Grelha de avaliação feita pelas educadoras

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma de estágio do 1.º semestre	3
Quadro 2 – Cronograma de estágio do 2.º semestre	3
Quadro 3 – Cronograma de estágio do 3.º semestre	4
Quadro 4 – Planificação de uma atividade da Área de Conhecimento do Mundo	19
Quadro 5 – Planificação de uma atividade do Domínio da Matemática	21
Quadro 6 – Planificação de uma atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita	22
Quadro 7 – Planificação de uma atividade do Domínio da Matemática	23
Quadro 8 - Planificação de uma atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita	25
Quadro 9 – Planificação de uma atividade da Área do Conhecimento do Mundo	26
Quadro 10 – Cotações atribuídas à atividade de Conhecimento do Mundo	32
Quadro 11 – Cotações atribuídas à atividade de Matemática	36
Quadro 12 – Cotações atribuídas à atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	39
Quadro 13 – Calendarização do Projeto	53

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Representação de uma soma com Cuisenaire	24
Figura 2 – Imagem ilustrativa da capa do livro “O Ratinho Torto”	25
Figura 3 – Representação em plástico dos animais mamíferos	27
Figura 4 – Apresentação do gráfico de resultados da avaliação de Conhecimento do Mundo	33
Figura 5 – Apresentação do gráfico de resultados da avaliação de Matemática	37
Figura 6 – Apresentação do gráfico de resultados da avaliação do Domínio da Linguagem oral e Abordagem à Escrita	40

Introdução

O presente Relatório de Estágio Profissional está inserido no âmbito das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I, II e III, referentes ao Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado na Escola Superior de Educação João de Deus, durante três semestres no período de outubro de 2010 a junho 2011 (Estágio Profissional I e II) e outubro 2019 a fevereiro de 2020 (Estágio Profissional III).

Durante o Estágio Profissional somos confrontadas com diferentes situações, muitas destas transmitidas durante a nossa formação inicial, outras apenas nos damos conta da sua existência na prática. É por este motivo que considero o Estágio Profissional tão importante na formação de docentes.

De acordo com Mosqueira e Almeida (2017), o estágio apresenta-se como um “momento crucial em toda a formação, por ser a experiência que mais se aproxima da realidade [...] profissional e por ter sido onde ensaiaram a aplicação de aprendizagens adquiridas ao longo da formação inicial” (p.42). O facto de sermos avaliadas por diferentes colaboradores (Equipa de supervisão de estágio e educadoras cooperantes) e em momentos distintos, faz-nos ainda refletir muito mais sobre as nossas ações enquanto estagiárias e futuras docentes.

Caldeira, Pereira e Botelho (2017) afirmam que

o acompanhamento dos estágios, as aulas supervisionadas e articuladas com as unidades curriculares, a orientação tutorial, as reflexões das e sobre as aulas, a vídeo formação e o estudo das narrativas das aulas bem como a avaliação que os alunos realizam com periodicidade levam-nos a inferir que este modelo contribui para o conhecimento profissional do aluno estagiário. (p.68)

Ver e estagiar com diferentes educadoras de infância, e com alguns anos de diferença entre os estágios I e II e o estágio III, fez-me apreciar ainda mais esta profissão e foi para mim uma experiência muito enriquecedora. Foi muito gratificante “regressar a casa” e ver que tanta coisa mudou, mas uma se manteve, o respeito pela criança e o quanto elas continuam a ser a nossa prioridade.

Este relatório está dividido em 4 capítulos: Relatos, Planificações, Dispositivos de Avaliação e, por fim, a apresentação de uma Proposta de Projeto Educativo a implementar na Educação Pré-Escolar.

Identificação e contextualização do Estágio Profissional

Durante o primeiro semestre, nos períodos de outubro 2010 a fevereiro de 2011, realizei o Estágio Profissional numa instituição privada nos arredores de Lisboa. Durante este período, contactei com as três realidades educativas da educação pré-escolar (3 anos, 4 anos e 5 anos). Esta instituição é constituída fisicamente por dois recreios (um mais direcionado para a pré-escolar e outro mais direcionado para o 1ºciclo), dois refeitórios, uma cozinha, um ginásio, uma secretaria, uma sala de professores e uma casa de banho para funcionários e estagiários. Em termos de salas de pré-escolar existe uma sala comum para os 3 anos, um salão onde decorrem as atividades dos dois grupos dos 4 anos, e duas

salas individuais para os 5 anos. A nível de primeiro ciclo do Ensino Básico existem 8 salas individuais.

O segundo semestre de Estágio Profissional, nos períodos de março a junho 2011, foi realizado em outra escola no centro de Lisboa. Neste período contactei apenas com duas das três idades de pré-escolar (3 e 4 anos). A referida instituição está localizada em Lisboa, perto do Jardim da Estrela. Fisicamente, é constituída por dois recreios (um mais direccionado para o primeiro ciclo e outro para a pré-escolar), 1 refeitório, 1 cozinha, 1 secretaria. Em termos de salas de pré-escolar existem duas salas individuais para os 3 anos (apesar de serem separadas por uma parede para se entrar na sala dos 3 anos B tem de se passar pela sala dos 3 anos A), um salão onde decorrem as atividades das duas salas de 4 anos, e duas salas individuais para os 5 anos. Já para o primeiro ciclo de Ensino Básico existem 8 salas individuais.

O Seminário de Contacto com a Realidade Educativa foi realizado no período de 28 fevereiro a 04 março de 2011, numa Associação Popular de Apoio à Criança (APAC). Neste estágio contactei com crianças de idades compreendidas entre os 04 e os 12 meses de idade (sala de berçário). A instituição é constituída por 3 berçários (1 na sede e 2 nas instalações construídas em 2010), 4 salas dos 12 aos 24 meses (2 na sede e 2 nas novas instalações), 9 salas de pré-escolar (7 na sede e 2 nas instalações de uma delegação da instituição), contando ainda com 1 educadora e 2 auxiliares de ação educativa por sala.

O terceiro semestre de Estágio Profissional, nos períodos de outubro 2019 a fevereiro de 2020, foi realizado na mesma escola privada, nos arredores de Lisboa, onde tinha efetuado estágio do 1.º semestre em 2010/2011 descrito nos parágrafos acima.

Os cronogramas que se seguem (Quadros 1, 2 e 3) apresentam de forma resumida, as atividades ocorridas ao longo do Estágio Profissional.

Calendarização e cronograma

Quadro 1 - Cronograma de estágio do 1.º semestre

Semestre	Atividade	Data
1.º semestre	Estágio com grupo de 5 anos	12/10/10 a 12/11/10
	Estágio com grupo de 3 anos	16/11/10 a 07/01/11
	Estágio com grupo de 4 anos	10/01/20 a 18/02/11
	Aulas Programadas	25/10/10 02/11/10 13/12/10 03/01/11 07/02/11 14/02/11
	Aulas Surpresa	10/12/10
	Reuniões de Prática Pedagógica	26/11/10 10/12/10 14/01/11 17/01/11
	Elaboração do Relatório de Estágio Profissional	outubro 2010 a fevereiro 2011

Quadro 2 - Cronograma de estágio do 2.º semestre

Semestre	Atividade	Data
2.º semestre	Seminário de Contacto com a Realidade Educativa	28/02/11 a 04/03/11
	Estágio com grupo de 3 anos	14/03/11 a 08/04/11
	Estágio com grupo de 4 anos	11/04/11 a 30/06/11
	Aulas Programadas	28/03/11 04/04/11 06/05/11 27/05/11 02/06/11 06/06/11 27/06/11
	Aulas Surpresa	25/03/11 20/05/11
	Reuniões de Prática Pedagógica	21/03/11 23/05/11 27/06/11
	Elaboração do Relatório de Estágio Profissional	outubro 2010 a fevereiro 2011

Quadro 3 – Cronograma de estágio do 3.º semestre

Semestre	Atividade	Data
3.º semestre	Estágio com grupo de 5 anos	7/10/19 a 7/2/19
	Aulas Programadas	13/12/19 17/01/20
	Reuniões de Supervisão Pedagógica	06/12/19 17/01/19
	Elaboração do Relatório de Estágio Profissional	outubro 2019 a fevereiro 2020
	Orientação tutorial	1 vez por semana

Capítulo 1

Relatos de estágio

1.1. Descrição do Capítulo

Neste primeiro capítulo, serão expostos relatos de atividades ou situações do dia-a-dia que aconteceram ao longo do estágio profissional. É organizado por dez relatos de estágio, acompanhado por fundamentação teórica dos mesmos. Sete desses relatos são atividades realizadas pelas educadoras e os restantes três descrevem atividades realizadas por mim com o grupo de crianças.

1.2. Relatos de Estágio

1.2.1. Relato de estágio 1 - Grupo de 3 anos (26 novembro 2010)

A atividade descrita corresponde a uma aula surpresa (um dos elementos de avaliação do estágio profissional). Esta atividade foi realizada numa escola privada de Lisboa, na sala dos 3 anos A durante a manhã.

Era recorrente as supervisoras aparecerem nos nossos locais de estágio e surpreenderem-nos com uma “aula surpresa” (que poderia ser de qualquer área). Neste caso, uma das alunas surpreendidas foi uma colega que pertencia ao meu grupo.

Foi pedido à colega que contasse a história do “Capuchinho Vermelho” com o auxílio de um fantoche. No entanto, ela teria de alterar o final na história, isto é, o Capuchinho Vermelho não poderia ser comido pelo Lobo Mau.

De forma a atender ao pedido da supervisora, a colega conduziu a história de forma que o Capuchinho Vermelho e a avó conseguissem fugir para casa da mãe da Capuchinho Vermelho. Para consolidar esta atividade, ensinou às crianças a música referente à história.

Os contos tradicionais são, provavelmente, das histórias mais utilizadas pelos docentes para transmitir valores aos alunos. Há milhares de anos que existe o hábito de contar histórias, como cita Pires (2005), isso é algo “intrínseco à transmissão de cultura, aliado simultaneamente ao trabalho e ao lazer” (p.48).

Com o passar do tempo, o conto tem-se mostrado resistente à mudança por um lado, mas sendo moldável para se adaptar às necessidades.

Assim sendo, os contos

correspondem à evolução de costumes, de crenças, de modos de vida, evolução essa que pode tornar pouco a pouco, incompreensíveis ou inaceitáveis certos temas, certos motivos ou certos traços. Os contos possuem estas características e podem dar origem a nuances nas diversas versões. Os contos podem ter uma abordagem a nível simbólico, com conflitos graves que o Homem tem de suportar inconscientemente. Também possuem ainda vertentes de interpretação de carácter ideológico e sociológico. (Pires, 2005, p. 83)

Nos últimos anos do século XVII

os contos passaram a ter objetivos didáticos de ensinar as crianças a aprender o código de civilidade da época, a obedecer incondicionalmente à autoridade paterna, perceber as diferenças sociais e sexuais, os diferentes papéis na família, em suma, eles deviam de reforçar nas crianças o poder das classes superiores e ensinar maneiras de o manter, eles reproduziam as relações de poder da classe dominante”. (Mateus, 1997, p.52)

Acreditamos que o leitor ao entrar em contacto com obras deste género, é abrangido por um mundo encantado, originando uma atração mais significava na criança (Pires, 2005). Também consideramos que o conto tradicional é uma manifestação literária com grande adesão por parte das crianças, por possuir um papel fundamental no desenvolvimento da sua formação e sentido lúdico.

1.2.2. Relato de Estágio 2 - Grupo de 3 anos (14 março 2011)

Este relato de estágio diz respeito a uma atividade realizada no dia de escola aberta aos pais. Nesse dia, os pais/encarregados de educação passaram a manhã na sala com os seus filhos/educandos observando e participando nas atividades.

A educadora responsável pelo grupo iniciou a manhã de atividades dando uma aula com o 1.º Dom de *Froebel*. Primeiro pediu que as crianças retirassem as bolas da caixa pela sua ordem e nomeassem a sua cor. O exercício que a educadora optou por realizar foi um *kim* visual em que mudava 4 bolas de lugar. O objetivo deste material, entre outros, é trabalhar a memória visual e lateralidade.

Quando terminou esta atividade de Domínio da Matemática, a educadora mandou as crianças sentarem-se nos seus lugares e distribuiu uma atividade em papel. Essa atividade consistia no seguinte: as crianças realizavam grafismos de círculos, que seriam posteriormente preenchidos com papel de seda rasgado (que correspondia às cores do 1.º

Dom de *Froebel*). O objetivo da atividade era que as crianças preenchessem cada bola com uma cor.

Quando concluíram esta atividade, as crianças dirigiram-se para o ginásio para terem a aula de educação física. Ao regressarem à sala de aula, a educadora leu a história “Pequeno Azul Pequeno Amarelo” do autor Leo Lionni. A narrativa correspondia ao texto original, porém o livro era uma replica feita pela educadora em tamanho A3. Concluída a história, as crianças foram para o recreio e os pais despediram-se.

A participação dos encarregados de educação nas atividades escolares é de extrema importância pois, tal como provam estudos recentes, quanto maior for a participação da família na educação das crianças maior será o aproveitamento escolar. A necessidade de se construir uma relação escola/família deverá ser para planejar, estabelecer metas e acordos mínimos para que a criança tenha uma educação de qualidade quer na escola quer em casa. Segundo Pereira (2008), “a Relação entre Escola-Família tem vindo a ser alvo de todo um conjunto de atenções: através de notícias nos meios de comunicação, de discursos de políticos, da divulgação de projetos de investigação e de nova legislação” (p.29).

Não há uma forma específica de envolver os encarregados de educação na escola. Cada instituição deverá adotar estratégias que se adequem ao grupo de encarregados de educação por forma a fazê-los participar ativamente nas atividades propostas. No caso observado era visível o orgulho e a felicidade das crianças em terem os encarregados de educação na sua sala o que realça a importância da participação da família nas atividades escolares.

1.2.3. Relato de Estágio 3 - Grupo de 4 anos (11 janeiro 2011)

A próxima situação relatada refere-se a uma visita de estudo realizada ao teatro Tivoli para vermos o musical “BZZ, BZZ a união faz a força”. Este era o nosso primeiro dia de estágio com este grupo de crianças de 4 anos. Iniciarmos o estágio com uma saída da escola requer uma dose extra de responsabilidade já que o grupo não nos conhecia e, como tal, ainda não reconheciam autoridade em nós.

Este musical fala de uma “guerra” que existia entre as abelhas e os beija-flores. O mote da “guerra” era um mal-entendido entre os beija-flores e as abelhas provocado pelas

formigas. Graças à determinação de uma abelha, que queria apenas divertir-se, e de um beija-flor, que apenas queria provar mel, resolveram o mal-entendido e ficaram todos de novo amigos.

As crianças vibraram com cada parte do musical. Era visível o entusiasmo e atenção das crianças. No final saíram do teatro com um sorriso enorme no rosto devido ao final feliz do espetáculo.

As visitas de estudo, por mais simples que sejam, são sempre uma atividade que agrada muito às crianças. Para além desta componente lúdica ainda tem a componente de aprendizagem. Com as visitas de estudo nós estimulamos e motivamos as crianças para aprenderem mais e melhor.

Segundo Carvalho (1995),

A visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula o aluno dado o carácter motivador que constitui a saída do espaço escolar. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor/aluno que propicia, leva a que estes se empenhem na sua realização. Contudo, a visita de estudo é mais do que um passeio. Constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade. Um dos objetivos das novas metodologias de ensino aprendizagem é, precisamente, promover a interligação entre a teoria e a prática, a escola e a realidade. A visita de estudo é um dos meios mais utilizados pelos professores para atingir esse objetivo, ao nível das disciplinas que lecionam. Dai que seja uma prática muito utilizada como complemento para os conteúdos programáticos que assim se tornam mais significativos. (p.188)

No final da visita de estudo, nós, estagiárias, já nos sentíamos totalmente integradas no grupo (crianças e educadora cooperante). Esta situação foi conseguida de forma tão rápida, graças a esta visita de estudo e à excelente gestão da educadora cooperante.

1.2.4. Relato de Estágio 4 - Grupo de 4 anos (9 junho 2011)

Este relato de estágio ocorreu numa das escolas onde estagiei no centro de Lisboa. Refere-se a uma aula programada da minha colega de estágio. O tema da aula eram os Santos Populares, mais concretamente o Santo António.

A colega iniciou a aula com uma atividade de Domínio da Matemática onde utilizou o geoplano para construir um manjerico. Seguiu-se uma atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita na qual fez uma “caça” à rima. Depois de encontrarem as rimas (que estavam espalhadas por vários sítios) leu-as e as crianças

tinham de associar as rimas às imagens. Após a leitura das rimas a colega ainda questionou as crianças sobre que outras rimas poderiam fazer com algumas palavras presentes nas rimas lidas. Esta atividade foi acompanhada de música tradicional desta festa popular. Com este ambiente musical, a colega conseguiu criar de facto o ambiente da festa popular de Santo António.

Para terminar a aula programada, a colega optou por fazer uma atividade de Conhecimento do Mundo. Falou do respetivo Santo e da razão das festas em honra dele. Para concluir a aula, a colega deu um arco às crianças alusivo às marchas populares e, ao som de música, marcharam pela sala.

Nesta aula a colega trabalhou um tema muito importante, o tema dos Santos Populares. É um tema típico português e daí a sua importância para a passagem da nossa cultura popular, que deve ser, na minha opinião, preservada e passada às gerações futuras.

Segundo Freire (1999),

O homem cria a cultura na medida que, integrando-se nas condições do seu contexto de vida, reflete sobre ela e dá resposta aos desafios que encontra. Cultura aqui é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem. (p.41)

Segundo esta perspetiva a cultura é o resultado da criação humana, logo, não há cultura sem o Homem assim como não há Homem sem cultura. A Cultura molda o Homem.

De acordo com Brandão (2002),

A cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias e as (tessituras) e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios as nossas vidas e aos nossos mundos. Criamos os mundos sociais em que vivemos e só sabemos viver nos mundos sociais que criamos. Ou onde reaprendemos a viver, para sabermos criarmos com os outros os seus outros mundos sociais. E isto é a cultura que criamos para viver e convive. (p.31)

A cultura existe no íntimo do Homem e por isso é tão importante trabalhar estes aspetos desde cedo nas escolas. Para que as crianças entendam e respeitem algumas tradições, que são todos os anos festejados (como por exemplo os santos populares) é necessário que lhes seja explicado o “porquê” destas festas.

1.2.5. Relato de Estágio 5 - Grupo de 5 anos (12 outubro 2010)

Este relato de estágio corresponde ao primeiro dia de estágio nos 5 anos (bibe azul) numa escola da periferia de Lisboa. Após uma breve reunião, onde foi explicado a todas as estagiárias o que nos seria exigido ao longo do semestre, fomos introduzidas nas salas onde iríamos estagiar.

Quando entrámos na sala a educadora responsável estava a chamar os grupos à Cartilha Maternal. Ela pediu-nos que, enquanto estivesse na Cartilha, circulássemos na sala de forma a ajudar as crianças nas atividades de escrita/caligrafia.

Após esta atividade a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática na qual trabalhou o 3.º e 4.º Dons de *Froebel* em simultâneo. Iniciou a atividade fazendo a revisão das construções “móvel de sala” e “móvel de quarto” e ensinou uma nova construção, a “ponte baixa”. De seguida, a educadora apresentou uma situação problemática com o seguinte teor: “Em cima de uma ponte estavam 3 carros, cada carro tinha 4 pessoas, quantas pessoas estavam em cima da ponte?” com o resultado do cálculo a educadora fez uma revisão dos números pares e ímpares, distribuindo pelos alunos uma ficha formativa sobre esse tema.

Ao trabalharmos o 3.º e 4.º Dons de *Froebel* em simultâneo, proporcionamos à criança situações de maior desafio, visto que as construções com este material são mais complexas. Caldeira (2010) diz que com este material “podemos fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos” (p.277), tornando deste modo a atividade mais desafiante para esta faixa etária.

Cada um destes materiais tem interesse pedagógico em separado. Juntos acumulam os objetivos e o interesse pedagógico que estes tinham em separado, tal como Caldeira (2010) afirma, “os objetivos e o interesse pedagógico dos 3.º e 4.º Dons juntos são um acumulado dos objetivos dos Dons em separado, com alguma complexidade acrescida” (p.285).

Segundo esta mesma autora, os interesses pedagógicos passam por “maior diversidade nas atividades; diferentes construções; cálculo mental; situações problemáticas mais complexas; maior equilíbrio; desenvolvimento da criatividade” entre outros. A situação problemática que a educadora realizou para a turma poderia ser resolvida de duas formas, ou por soma ($4+4+4$) ou por multiplicação (3×4). Nesta fase as crianças resolveram a questão fazendo somas consecutivas. Porém, depois de as crianças

terem dado a resposta correta a educadora disse que $4+4+4$ era igual a 12, mas também podíamos dizer que 3 vezes 4 era 12, explicando o raciocínio da multiplicação.

1.2.6. Relato de Estágio 6 - Grupo de 5 anos (15 outubro 2010)

Nos grupos dos 5 anos desta escola, é recorrente as crianças à 6ª feira terminarem os trabalhos que tem em atraso na parte da manhã. Este dia de estágio correspondeu exatamente a isso. De seguida, a educadora deu uma aula onde dinamizou a Cartilha Maternal João de Deus.

Nesta aula, a educadora colocou no quadro cinco palavras. Trabalhou posteriormente as regras da Cartilha nessas palavras, fazendo algumas questões como: “Quantas sílabas tem a palavra?”; “Quais são as vogais? Quantas consoantes e quantas vogais há?”; “Porque se chamam vogais?”, entre outras.

Nesta aula de dinamização da Cartilha, as palavras escolhidas pela educadora eram apropriadas para todas as crianças, isto é, qualquer uma delas era capaz de as ler. Apesar de todas terem iniciado a Cartilha ao mesmo tempo, nem todas estavam na mesma lição, pois a educadora respeita o ritmo de aprendizagem de cada criança.

Na metodologia João de Deus, as crianças principiam a aprendizagem da leitura aos cinco anos de idade. Deus (1997, p.7) diz que, “ler é interpretar as mensagens omitidas pelas variadas e diversas formas de expressão”, de acordo com esta mesma autora, o suporte da metodologia João de Deus, é a análise da língua, executada através de um procedimento que se funda no raciocínio lógico.

Quando as crianças aprendem uma nova lição, e conseqüentemente as mnemónicas de cada letra, encaram isso como um jogo. Desta forma construtivista as crianças aprendem a ler e escrever, de uma forma bastante mais simples e lúdica.

1.2.7. Relato de Estágio 7 - Grupo de 5 anos (02 novembro 2010)

Neste dia de estágio fui a responsável pelas atividades. Isto é, foi dia de manhã de aula avaliada pela educadora cooperante.

Iniciei a manhã com um jogo de acolhimento, o jogo do galo, e após a chegada de todas as crianças iniciei a aula de conhecimento do mundo, cujo tema era “A Colmeia”.

Os conteúdos que fizeram parte desta aula foram: os tipos de abelhas que habitam na colmeia (obreira, zangão e abelha rainha), as suas funções, e também os tipos de colmeia (naturais e artificiais). Para concluir a aula, disse aos alunos quais os produtos que são produzidos pelas abelhas e que são utilizados por nós.

Para consolidar o tema, realizei um jogo em que as crianças tinham de construir um puzzle de uma abelha em conjunto, porém só lhes era dada uma peça caso acertassem na resposta a uma pergunta referente ao que tinha sido abordado anteriormente.

Com a conclusão do puzzle, iniciei a aula de Domínio da Matemática, onde as crianças tinham de realizar as operações matemáticas no abstrato. Após darem a sua resposta confirmávamos com materiais no concreto se estava correto ou não. Realizámos ainda uma ficha de trabalho com mais algumas situações problemáticas.

Após o recreio, dei início à aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, na qual fiz uma dinamização da Cartilha. Nesta aula espalhei pela sala vários envelopes que as crianças tinham de procurar e encontrar, e à vez, liam a palavra que estava no seu interior. Por vezes, colocava questões relacionadas com a Cartilha Maternal, como por exemplo, “Quantas sílabas tem a palavra?”; “Quantas são as vogais?”; “Quantas consoantes tem a palavra?”, assim como a construção de frases com a palavra lida.

Depois de as crianças lerem as palavras e as contextualizarem em frases, dei uma ficha a este grupo, que foi trabalhar de forma autónoma para o seu lugar, e chamei outro grupo de crianças à Cartilha Maternal. Este trabalhou a lição do /l/.

As manhãs em que somos nós a lecionar as atividades, são sempre muito emotivas. Sentimos a responsabilidade de ter um grupo de crianças sob a nossa alçada. Uma das críticas recorrentes às minhas aulas, sempre foi a falta de dinamismo. Neste caso, esta situação foi visível durante a dinamização da Cartilha Maternal.

Dei um erro crasso durante a lição: houve uma criança que leu mal a palavra “faval”, a criança leu “fával” e eu disse que essa palavra não se lia assim porque era uma exceção, quando na verdade, deveria ter dito que quando uma palavra termina em /i/, /u/, ou em letra consoante, a sílaba forte é a última, logo a outra é fraca e o /a/ em sílaba fraca lê-se [α].

1.2.8. Relato de Estágio 8 - Grupo de 5 anos (06 dezembro 2019)

Esta escola onde estagiei é conhecida, não só pelo ensino da leitura através da Cartilha Maternal João de Deus, mas também pelas festas de natal lindíssimas e criativas que todos os anos são apresentadas aos pais e encarregados de educação. E esta tradição continua bem viva nos dias atuais. A festa é preparada com meses de antecedência, com ensaios exaustivos de forma a que no dia da festa tudo saia perfeito.

Por vezes, as crianças acabam demasiado pressionadas para a perfeição. Com isso, esquecemo-nos que o essencial da festa está a ser perdido, que é, verdadeiramente, a diversão e alegria das crianças, a sua integração, envolvimento e aprendizagem, e não propriamente “uma apresentação perfeita”.

1.2.9. Relato de Estágio 9 - Grupo de 5 anos (03 janeiro 2020)

Neste dia também fui eu a responsável pelas atividades letivas. Optei por iniciar a manhã com atividades de domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Li a história “o Lobo Procura Emprego” do António Torrado. Após a leitura realizei algumas questões sobre a mesma. Revimos as vogais e posteriormente fui com um grupo de crianças à Cartilha. Enquanto isso o restante grupo estava a realizar uma proposta de atividade escrita. Tive algumas dificuldades na Cartilha Maternal, visto ser uma ferramenta que adoro, mas que não uso com regularidade por estar fora da casa João de Deus.

A Cartilha Maternal é uma excelente ferramenta para a aquisição da Leitura e Escrita. Com este método a criança aprende como funcionam os seus órgãos fonadores (língua, dentes, lábios). Ruivo (2006) defende que, com este método, a criança é convidada a ser “analista da linguagem” porque as dificuldades são explicadas por regras que satisfazem o raciocínio e o pensamento lógico da criança/aluno. Observei esta realidade, pois o ato diário de “ir à Cartilha” apresentava-se como algo apelativo e desafiante.

Após a atividade de Cartilha continuei a manhã com atividades de domínio da matemática (realizamos situações problemáticas) e Conhecimento do Mundo (temática do inverno).

1.2.10. Relato de Estágio 10 - Grupo de 5 anos (10 janeiro 2020)

Neste centro educativo existem várias atividades de enriquecimento curricular. Uma delas são as aulas de Inglês. Cada vez mais cedo se iniciam este tipo de atividades, e é importante que assim seja visto que vivemos num mundo cada vez mais globalizado e multicultural.

A aprendizagem de outras línguas é um meio para construir a identidade da criança e melhorar a comunicação e relação com os pares (Silva, Marques, Mata e Rosa, M., 2016).

As aulas de inglês têm a duração de 30 min. Os temas são variados como por exemplo: cores, estado do tempo, divisões da casa. As aulas têm como material de apoio cartões coloridos e com imagens apelativas que estão relacionadas com a temática abordada na sala. A professora também questiona bastante as crianças, são aulas muito interativas onde a criança é que conduz a aula. Segundo Bento, Coelho, Joseph e Mourão (2005), “a exploração dos temas deve processar-se de um modo gradual, a partir do mundo pessoal da criança, avançando para um mundo mais abrangente que inclui interesses mais distantes” (p.14).

Outra ferramenta que é muito utilizada nestas aulas é o Jogo. Com este tipo de ferramenta as crianças ficam mais predispostas e motivadas para as aprendizagens, Neto (2003) afirma que o jogo “é um meio de utilização pedagógica com uma linguagem universal e um poder robusto de significação nas estratégias de ensino-aprendizagem” (p.199).

Capítulo 2

Planificações

2.1. Descrição do Capítulo

Neste segundo capítulo, vão ser expostas planificações de atividades executadas ao longo do estágio profissional em Educação Pré-Escolar. Em primeiro lugar, apresento uma breve fundamentação teórica sobre as planificações e sobre o papel do educador na realização da planificação. De seguida, são apresentadas 6 planificações em quadro, alusivas a atividades para Educação Pré-Escolar: duas para crianças de 3 anos; duas para crianças de 4 anos e as outras duas para as de 5 anos.

2.2. Fundamentação Teórica

Para Vasconcelos, Rocha, Loureiros, Castro, Meneau, Sousa e Alves (2012), “planificar é igualmente sinónimo de elucidar objetivos. Rinaldi (como citado em Vasconcelos, 2012) esclarece que a planificação é —uma forma de trabalho que estabelece antecipadamente os objetivos gerais e específicos para cada atividade, apresentando uma hierarquização desses objetivos” (p.15). A planificação existe para dar sentido e estrutura ao conjunto de ações, objetivos e procedimentos que definimos tendo por base os aspetos fundamentais do currículo. Para Zabalza (1994), “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de ação” (p. 47).

Quando o educador efetua uma planificação, segundo Silva et al. (2016), deve existir uma intencionalidade que lhe vai exigir que:

(...) reflita sobre as conceções e valores subjacentes às finalidades da sua prática: papel profissional, imagem de criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem. Esta intencionalidade permite-lhe atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar. (p. 13)

A planificação de atividades é fundamental para o educador, pois esta ajuda na previsão de ocorrências imprevisíveis. Zabalza (1994) afirma que os professores também planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais, reduzir o anseio e a dúvida do seu trabalho ou então para definir um rumo que lhes dê confiança e segurança.

De acordo com Cardoso (2010), é da responsabilidade de cada docente orientar o seu ensino e para isso é fundamental que desenvolva “um trabalho de planificação com diversos níveis de abrangência, no qual deve seguir linhas orientadoras estabelecidas pela tutela 28 em termos normativo-legais, curriculares e programáticos, tendo em conta o contexto educativo onde desenvolve a sua ação” (p.45).

Tendo em conta a informação acima relatada, concluímos que muitas vezes os docentes planificam não para as crianças, mas para sua exclusiva segurança, deixando pequeno espaço de tempo para aspetos importantes. Este tipo de planificação torna a criança mera recetora. O educador não deve apresentar ao grupo de crianças tudo pronto nem definido e cingir-se a que simplesmente reproduzam ou sigam as suas indicações.

Para tal, os autores Lopes e Silva (2011) dão as seguintes sugestões nas planificações de atividades:

(i) identificar as estratégias de aprendizagem; (ii) possibilitar que os alunos autoavaliem como efetivamente fazem uso dessas estratégias; (iii) envolver ativamente os alunos na aprendizagem das competências; (iv) adaptar as diferentes competências às características da tarefa e ao contexto da disciplina; (v) permitir que os alunos assumam o controlo sobre a escolha da estratégia que vão usar; (vi) exigir que os alunos se automonitorizem. (pp.162-163)

Podemos então constatar que a planificação das atividades é essencial, não só para melhorar as estratégias de ensino, mas principalmente por ser uma ferramenta que auxilia o docente a clarificar e organizar o seu pensamento. Primordialmente, esta ferramenta deverá respeitar o ritmo de cada criança e ser uma ação partilhada e conjunta entre o educador e o grupo, num meio envolvente onde se possa exhibir, debater e negociar opiniões. Tanto os docentes como o grupo de crianças devem assumir uma participação ativa, acabando com a ideia de autoridade máxima atribuída ao adulto responsável de sala. Assim sendo, Silva et al. (2016), afirmam que “planear não é, assim, prever um conjunto de propostas a cumprir exatamente, mas estar preparado para acolher as sugestões das crianças e integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagem” (p.15).

A planificação forma uma ferramenta muito importante, pois consente a organização e adaptação das tarefas ao grupo de crianças, mas o seu uso só é importante se refletirmos sobre esta antes, durante e após a sua utilização.

2.3. Planificação em Quadro

2.3.1. Planificações de uma atividade da Área do Conhecimento do Mundo

O quadro 4 apresenta a planificação de uma atividade para crianças de 3 anos na área de Conhecimento do Mundo. Esta atividade surge no âmbito da temática da alimentação (como diferenciar legumes de fruta).

Quadro 4 – Planificação da uma atividade da Área do Conhecimento do Mundo.

Planificação da Atividade			
Faixa etária: 3 anos			
Área de Conteúdo: Conhecimento do Mundo			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
30 minutos	Frutas e Legumes: como distinguir.	- Sentar as crianças no chão em roda; - Colocar no centro da roda sobre uma toalha e pratos vários legumes e frutas; - Questionar as crianças quais são as frutas e quais são os legumes e como distinguem; - Mostrar as crianças a diferença entre frutas e legumes (frutas tem sementes no seu interior e os legumes não); - Com o auxílio de uma faca e de um adulto as crianças abrem os legumes e frutas para fazer a sua separação; - No final desta atividade deixar as crianças explorarem livremente os legumes e frutas e se for do seu desejo provarem as mesmas. - Após a higiene das mãos, realizar o registo da atividade.	- Frutas (maçã, pera, banana, abóbora, tomate, melancia, abacate); - Legumes (alface, brócolos, couve flor, couve coração, cenoura) - Toalha plastificada; - Faca; - Pratos; - Folhas de Papel A4; - Lápis de cor.

Esta atividade foi elaborada no âmbito da temática Alimentação Saudável. Muitas crianças demonstram alguma dificuldade em perceber a diferença entre legumes e fruta e daí a sua importância. Ao serem elas a constatar os fatos e diferenças torna-as muito mais recetivas às novas informações. É durante as observações que a criança “acompanhada ou autonomamente, começa a formar as suas próprias ideias sobre os fenómenos que a rodeiam, sejam eles naturais ou induzidos” (Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues e Pereira, 2009, p. 12).

Foi muito gratificante ver a surpresa das crianças ao descobrirem que o tomate e abóbora são frutas e não legumes. É também muito compensador as reações das crianças ao sentirem as diferentes texturas e sabores dos legumes e frutas.

Iniciei esta atividade sentando as crianças em roda e no centro da roda estava uma toalha com os diferentes legumes e frutas. Numa primeira impressão as crianças rapidamente disseram quais eram frutas e quais eram legumes, porém quando questionei

“porque é que a maçã é uma fruta?” algumas crianças contraíram-se na resposta outras rapidamente disseram “porque é doce”; “porque nasce das árvores” ou então “porque a minha mãe diz”.

Repeti a questão com os legumes e as respostas surgiram um pouco mais naturalmente, mas no mesmo registo que as anteriores “porque nasce da horta”, “porque são para fazer sopa”.

Após as respostas das crianças abri uma maçã ao meio e coloquei no prato, num outro prato coloquei brócolos partidos ao meio também. Em grupos de 4 pedi que observassem as diferenças daqueles dois alimentos. A diferença que logo lhes saltou à vista foi o fato de a maçã ter “caroços” e os brócolos não, a partir desta resposta chegámos ao que diferencia frutas de legumes: frutas tem caroço/semente e os legumes não. A partir daqui abrimos um legume e uma fruta de cada vez e colocávamos em pratos distintos, de um lado as frutas do outro os legumes. O ponto alto da aula, foi quando abrimos a abóbora e o tomate, que eles tinham como legumes e ficaram muito surpreendidos ao descobrirem que afinal são frutas.

Após termos separado todas as frutas e legumes, algumas crianças quiseram provar e explorar livremente os alimentos. Para concluir a atividade realizámos um registo da atividade, na qual havia de um lado da folha um espaço para desenharem as frutas e do outro os legumes.

2.3.2. Planificações de uma atividade do Domínio da Matemática

O quadro 5 apresenta uma planificação para uma atividade com crianças de 3 anos na área de Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática. Esta atividade surge da necessidade de consolidar algumas competências como orientação-espaço temporal, noção de lateralidade e memória.

Quadro 5 – Planificação de uma atividade de Domínio da Matemática

Planificação da Atividade			
Faixa etária: 3 anos			
Área de Conteúdo: Expressões e Comunicação - Domínio da Matemática			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
30 minutos	Cores; Orientações espaço temporais; Lateralidade; Memória.	- Sentar as crianças no chão em U; - Colocar a caixa do 1º Dom de <i>Froebel</i> à minha frente; - Pedir que as crianças retirem à vez e pela ordem, as bolas da caixa; - Depois de terem retirado todas as bolas da caixa, “transformar” a caixa dos dons de <i>Froebel</i> numa casa; - Pedir que as crianças coloquem a bola num determinado local, por exemplo: colocar a bola encarnada em frente à casa; - Depois de colocar todas as bolas em diferentes locais, pedir a uma criança que tape os olhos e trocar 1 bola de sítio e ver se a criança consegue perceber a alteração.	1º Dons de <i>Froebel</i>; - Caixa; - Folha de cartolina.

O 1.º Dom de *Froebel* é um dos materiais de matemática que mais agrada às crianças desta faixa etária. Talvez por ser facilmente manipulado por eles e ser também bastante apelativo visualmente devido as suas cores variadas. O 1.º Dom de *Froebel*, como salienta Caldeira (2010), “é composto por seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã, com ponto de croché, nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta” (p.243).

Ao serem eles a manipular e a colocar as bolas nos locais que eu peço, faz com que tenham uma participação ativa na atividade Segundo Cunha (1994, como citado em Caldeira, 2010) “brincar é uma característica primordial na vida das crianças” (p.38). De acordo com a autora, a criança deve fazê-lo porque ajuda no seu desenvolvimento, aprende toda a riqueza do aprender fazendo, desenvolve a sociabilidade, aprende a participar nas atividades, pelo prazer de brincar, prepara-se para o futuro, experimentando o mundo em redor e porque este ato é bom e transmite-lhe prazer e felicidade.

Após terem colocado todas as bolas dos locais que pedi (em frente à casa; atrás da casa, do “vosso lado direito/esquerdo”, ao lado da bola X), chamava uma criança à vez, tapava-lhe os olhos e trocava 1 bola de lugar e pedia que descobrissem a diferença. Ao fazer este exercício estamos a trabalhar a memória, a concentração e a atenção. Se o

grupo ou a criança permitir podemos trocar várias bolas de local, aumentando assim o grau de dificuldade do exercício.

2.3.3. Planificações de uma atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

O quadro 6 apresenta a planificação de uma atividade para um grupo de crianças com 4 anos, e enquadra-se na Área de Expressão e Comunicação, nomeadamente no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. O objetivo era as crianças trabalharem a criatividade e a imaginação escolhendo o final da história.

Quadro 6 – Planificação de uma atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Planificação da Atividade			
Faixa etária: 4 anos			
Área de Conteúdo: Expressões e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
40 minutos	Explorar elementos paratextuais; Importância do livro na descoberta do prazer da leitura; Sentir-se escutado e demonstrar interesse em comunicar; Consciência fonológica; Consciência lexical.	- Sentar as crianças no chão em roda; - Explorar o livro (capa, contracapa, páginas, lombada); - Contar a história “O Capuchinho Vermelho do Sec. XXI” da autoria de Luísa Ducla Soares; - Ao longo da história perguntar o significado das palavras mais difíceis; - Após a conclusão da história perguntar às crianças qual o final que querem dar; - Depois de todas responderem individualmente e na sua vez, sentar o grupo nos seus respetivos lugares e pedir que façam o desenho do final escolhido por si.	- Livro “Capuchinho Vermelho Séc XXI” – Luísa Ducla Soares; - Folhas de papel A4; - Lápis de cor.

Gosto de iniciar as atividades do dia contando uma história e isso já se reflete nos grupos que me acompanham, eles próprios já trazem livros para serem lidos “na hora do conto”. Para Lopes, Miguéis, Dias, Russo, Barata, Lopes e Damião (2006), “a

promoção do gosto pelos livros e pela leitura exige que os adultos que lidam com a criança demonstrem gosto e interesse por este tipo de atividades” (p. 67).

São muitos os autores que defendem que a literatura infantil constitui um papel determinante, no desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade da criança, na medida em que fomenta a sua imaginação, afetividade e curiosidade. Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) dizem ser de extrema relevância “proporcionar, no jardim-de-infância, ambientes linguisticamente estimulantes e interagir verbalmente com cada criança são as duas vias complementares que podem ajudar a combater as assimetrias que afetam o desenvolvimento da linguagem nas crianças” (p. 12). A leitura do conto é sempre um momento muito prazeroso para as crianças, pois através do conto, as crianças conseguem viajar através da sua imaginação e criatividade.

2.3.4. Planificações de uma atividade do Domínio da Matemática

Esta atividade foi realizada com o grupo de crianças de 4 anos e insere-se na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática (Quadro 7).

Quadro 7 – Planificação de uma atividade de Domínio da Matemática

Planificação da Atividade			
Faixa etária: 4 anos			
Área de Conteúdo: Expressões e Comunicação – Domínio da Matemática			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
40 minutos	Visualização espacial; Contagem; Adição e Subtração.	- Sentar as crianças nos seus respetivos lugares; - Entregar um conjunto de <i>Cuisenaire</i> a cada 2 crianças e uma folha branca; - Realizar o jogo dos comboios com o <i>Cuisenaire</i>; - Pedir que as crianças façam o contorno das “estações” e das “carruagens”.	- Conjunto de <i>Cuisenaire</i>; - Folha branca; - Lápis de cor.

As peças do *Cuisenaire*, segundo Caldeira (2010), são “feitas de um material de fácil manipulação e de cores diferentes de forma a estimular a criatividade e a experimentação.” (p.126). Após algumas questões sobre o material estruturado pedi que realizassem o jogo dos comboios. Isto é, a partir de uma peça de *Cuisenaire* tem de fazer por baixo dessa peça várias combinações de peças de *Cuisenaire* que tem de perfazer o

tamanho da estação, isto é, as carruagens não podem ser nem maiores nem menores que a estação.

Desta forma lúdica as crianças treinam a soma e subtração através do jogo e da brincadeira.

Após descobrirem as combinações possíveis devem fazer o contorno das peças e ao lado colocar os algarismos que as peças representam assim como o resultado da sua soma, por exemplo:



Figura 1 - Representação de uma soma com Cuisenaire

Na minha opinião, é muito importante representar e comunicar o pensamento matemático, pois a criança deve ser encorajada a explicar e justificar as suas soluções. Silva et al. (2016), afirmam que “comunicar os processos matemáticos que desenvolve ajuda a criança a organizar e sistematizar o seu pensamento e a desenvolver formas mais elaboradas de representação.” (p.75).

Em Suma, os materiais manipuláveis estruturados, e não estruturados, são magníficos recursos didáticos, de que os docentes devem usufruir como instrumentos motivadores e para tornar as suas aulas mais estimulantes, interessantes, lúdicas e interativas.

2.3.5. Planificações de uma atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Esta atividade foi realizada com o grupo de 5 anos e insere-se na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Quadro 8).

Planificação da Atividade			
Faixa etária: 5 anos			
Área de Conteúdo: Expressões e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
40 minutos	Explorar elementos paratextuais; Importância do livro na descoberta do prazer da leitura; Sentir-se escutado e demonstrar interesse em comunicar; Consciência fonológica; Consciência lexical.	- Sentar as crianças no chão em roda; - Explorar o livro (capa, contracapa, páginas, lombada); - Contar a história do “Ratinho Torto” da autoria de Ana Beatriz Afonso - Ao longo da história perguntar o significado das palavras mais difíceis; - Após a conclusão da história pedir às crianças que digam palavras com a mesma terminação de algumas palavras da história: Ratinho, trás, espelho. cenouras, etc.	Livro “o Ratinho Torto”.

Quando início alguma atividade gosto de os sentar em roda ou em U. Na minha opinião sentá-los desta forma deixa-os mais predispostos às novas aprendizagens. Curry (2003) afirma que: “Sentar em forma de U ou em círculo aquieta o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima torna-se agradável e a interacção social dá um grande salto em frente” (p.125).

A história em questão fala de um Ratinho Torto que faz tudo ao contrário dos outros ratinhos. Esta história está escrita em rimas o que faz com que capte a atenção das crianças. Aliado ao texto apelativo temos também imagens muito apelativas da história.

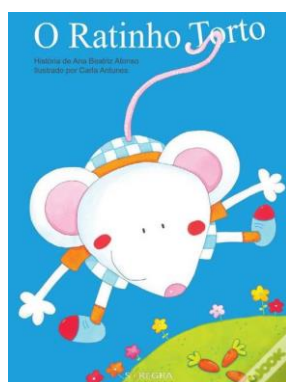


Figura 1 - Imagem ilustrativa da capa do livro “O Ratinho Torto”

Após a conclusão da leitura da história, peço às crianças que a partir de uma palavra digam outra palavra que termine com o mesmo som:

Por exemplo:

Ratinho - Gatinho

Trás - brás

Este tipo de atividades promove a aquisição da leitura de uma forma interativa e divertida, Ruivo (2009) refere que a criança deve aprender a ler desde o primeiro dia em que entra no jardim-de-infância, e acrescenta “não ser relevante a idade em que se aprende formalmente a ler.” (p.57). A autora pretende com isto dizer que ao entrar no educação Pré-Escolar a criança deve ficar tão exposta a instrumentos e estratégias de tal maneira promotores da leitura que ela fará, ao seu ritmo, a aquisição dessa competência.

2.3.6. Planificações de uma atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Esta atividade foi realizada com o grupo de 5 anos e insere-se na Área de Conhecimento do Mundo (Quadro 9).

Quadro 9 – Planificação de uma atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Planificação da Atividade			
Faixa etária: 5 anos			
Área de Conteúdo: Conhecimento do Mundo			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
45 minutos	Classes dos animais: Mamíferos Peixes Aves	- Sentar as crianças no chão em roda e rever as classes dos animais: Mamíferos, peixes e aves; - Rever alguns animais consoante a sua classe; - Após a separação dos animais propostos por classes desenharem os animais que mais gostassem, utilizando materiais à sua escolha.	- Imagens reais dos animais e suas características; - Animais em plástico; - Lápis cor, cera; - Canetas de feltro; - Papeis coloridos; - Purpurinas; - Cola.

Uma das áreas em que as crianças demonstram mais interesse é a de Conhecimento do Mundo. São raros os temas desta área de aprendizagem que não suscita o interesse do grupo. De acordo com Silva et al. (2016), “a área do Conhecimento do

Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no desejo de compreender porquê” (p.85).

Na verdade, esta área de aprendizagem permite às crianças descobrirem o meio que as envolve e, pela curiosidade, acabam por aprender acrescentando conhecimento através “daquilo que já sabem”. As atividades experimentais deixam as crianças sempre muito motivadas e recetivas a novas aprendizagens. Segundo Martins et.al (2009) ,“a procura de respostas e explicações para fenómenos de dia-a-dia que despertam a curiosidade da criança configura-se como contexto favorável ao desenvolvimento da capacidade de pensar cientificamente, o que inclui pensar de forma criativa” (p.13).

De forma a incentivar o interesse das crianças para o tema proposto, mostrei a imagem de um animal e pedi que me dissessem as características deste (ex.: de que se reveste o seu corpo. Se nasce um ovo, se respira pelos pulmões ou por brânquias, etc.). Desta forma revíamos as características de cada grupo de animais. As crianças responderam corretamente às questões.



Figura 3 – Representação em plástico dos animais mamíferos.

Sendo impossível ter vários animais reais na sala, optámos por ter várias referências em plástico (Figura 3). A partir deste recurso revíamos as características dos diferentes grupos animais. As crianças manipulavam os bonecos e falavam sobre o que sabiam.

Este tipo de estratégias é essencial para o desenvolvimento das crianças, ou seja, “a participação ativa das crianças em todas as fases de desenvolvimento das atividades, favorece o entusiasmo, dado que gostam naturalmente de mexer, experimentar e observar as consequências das suas ações” (Martins et al., 2009, p. 21).

Capítulo 3

Dispositivos de Avaliação

3.1. Descrição do Capítulo

O presente capítulo tem, como objetivo principal, aprofundar o tema da avaliação na educação pré-escolar e refletir sobre o seu interesse. Este capítulo está dividido em duas partes. A primeira parte apresenta a fundamentação teórica e a segunda parte consiste na exposição de três dispositivos de avaliação, compostos pela contextualização das atividades, a descrição dos parâmetros, os critérios de avaliação e, por fim, a apresentação e a análise dos resultados. Os dispositivos foram todos aplicados em propostas de atividades realizadas durante o estágio com crianças em idade pré-escolar.

3.1.1. Fundamentação Teórica

Quando fazemos referência ao termo “avaliação”, torna-se difícil definir o seu significado. Para Stufflebeam e Webster (1980, citados em Lopes & Silva, 2016, p. 1), avaliar é “ajudar a tomar decisões.”

Falar de avaliação é, também, “falar de um processo que deve ser continuado, participativo e democrático, fornecendo oportunidades para se debater aspetos concretos da realidade educativa e para se assumir responsabilidades conjuntas nas apreciações e juízos feitos” (Portugal & Laevers, 2018, p. 7). Avaliar é fundamental para melhorar as nossas práticas educativas.

Na Educação Pré-Escolar, a Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011 define a avaliação como — um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades (p.1).

Segundo Cardona (2007), nesta perspetiva de educação, a ação de avaliar, apesar de ter implícito os mesmos requisitos que nos outros níveis de ensino, exhibe uma maior especificidade, devido à faixa etária das crianças e à indefinição curricular que diz respeito a esta valência. Segundo Silva et al., (2016), a definição de avaliação salienta, que na Educação Pré-Escolar ela “não envolve nem a classificação da aprendizagem da criança, nem o juízo de valor sobre a sua maneira de ser, centrando-se na documentação do processo e na descrição da sua aprendizagem, de modo a valorizar as suas formas de aprender e os seus progressos” (p.15). Pretende-se que o educador durante o processo de avaliação avalie o progresso da criança e a sua aprendizagem ao longo do tempo, através

de registo de observação e recolha de documentos. Os autores supracitados referem ainda que a partir desta perspetiva, o educador constrói “uma avaliação para a aprendizagem e não da aprendizagem” (p.16).

Progressivamente, os intervenientes do procedimento educativo apercebem-se de que na Educação Pré-Escolar o processo de avaliação constitui um elemento importante. De acordo com Fisher (2004, citado em Marchão & Fitas, 2014), “a avaliação formativa é um processo de parceria, onde devem estar envolvidos todos os que conhecem a criança. Só avaliando a evolução, o desenvolvimento, as competências, os conhecimentos e a aquisição de novas aprendizagens das crianças é que se poderá avaliar a prática pedagógica e qual o seu impacto nas crianças” (p. 25).

Na Educação Pré-Escolar, o educador emprega dois tipos de avaliação: a avaliação diagnóstica, que tem como objetivo “conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer”, e a avaliação formativa, o de possibilitar ao educador aplicar diversas estratégias pedagógicas, contribuindo para a “elaboração, adequação e reformulação do projeto curricular de grupo” (Circular n.º 4/DGIDC/DSDC, 2011, p. 4) e ainda para ajudar a uma melhor integração da criança no contexto educativo.

Em suma, e de acordo com a Circular citada no parágrafo anterior, a avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa desenvolvendo-se num “processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando” (p.1).

Os dispositivos de avaliação presentes neste Relatório estão de acordo com a avaliação formativa. O educador, quando avalia, não deve empregar o termo “classificação”, pois o educador não classifica uma criança, avalia-a tendo em conta a informação que recolhe ao longo do tempo. O objetivo não é avaliar “maus” ou “bons resultados”, mas, sim, enquanto educador, conseguirmos ajudar a criança a ultrapassar as suas dificuldades. É muito importante envolver a criança na avaliação, “descrevendo o que fez, como e com quem, como poderia continuar, melhorar ou fazer de outro modo, tomando, assim, consciência dos seus progressos e de como vai ultrapassando as suas dificuldades” (Silva et al., 2016, p. 16). Numa fase inicial, o educador deve ajudar a criança durante este processo de autoavaliação.

Para as avaliações dos dispositivos que a seguir se apresentam, recorri à escala de Likert adaptada, que compreende uma escala entre 0 e 10 valores, seguindo os seguintes parâmetros:

- Fraco (de 0 a 2,9 valores)
- Insuficiente (de 3 a 4,9 valores)
- Suficiente (de 5 a 6,9 valores)
- Bom (de 7 a 8,9 valores)
- Muito Bom (de 9 a 10 valores).

3.2. Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo

3.2.1. Contextualização da atividade

A proposta de atividade de Conhecimento do Mundo, que serviu de base a esta avaliação, foi implementada com grupo de 23 crianças de 3 anos durante uma manhã (9h30 – 11h30). Não realizei nenhum dispositivo físico para avaliar esta atividade, optando por fazer uma avaliação por observação que decorreu durante a ida à mercearia perto da instituição. Aqui, as crianças fizeram compras segundo o seu conceito (depois de termos falado do tema previamente) de alimentação saudável e equilibrada.

O objetivo era perceber se as crianças conseguiam distinguir uma alimentação saudável de uma alimentação não saudável.

3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Para esta atividade, foram definidos quatro parâmetros de avaliação: interesse; participação; respeito pelo próximo; vocabulário.

Interesse: Este parâmetro avalia se a criança, ao longo da atividade, demonstra interesse pelo tema. Os critérios definidos foram: Muito interessado; Interessado; Pouco interessado.

Participação: Com este parâmetro pretende-se avaliar a participação da criança. Os critérios definidos foram: Muito participativo; Participativo; Pouco participativo.

Respeito pelo próximo: Neste parâmetro pretende-se avaliar a forma como a criança defende as suas ideias, respeita as dos outros e, simultaneamente, contribui para o

desenvolvimento e aprendizagem de todos. Os critérios utilizados foram os seguintes: Muito respeitador; Respeitador; Pouco respeitador.

Vocabulário: Este parâmetro avalia como a criança conhece e mobiliza palavras. Para este parâmetro foram definidos os seguintes critérios: Vocabulário muito alargado; Vocabulário alargado; Vocabulário pouco alargado.

O quadro 10 apresenta, de uma forma simples e sintetizada, os parâmetros e critérios aplicados para esta atividade, assim como as cotações atribuídas.

Quadro 10 - Cotações atribuídas à atividade de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios	Cotação	
1 – Interesse	Muito Interessado	3	3
	Interessado	1.5	
	Pouco interessado	0	
2 – Participação	Muito Participativo	2	2
	Participativo	1	
	Pouco Participativo	0	
3 – Respeito pelo próximo	Muito respeitador	3	3
	Respeitador	1.5	
	Pouco Respeitador	0	
4 – Vocabulário	Vocabulário muito alargado	2	2
	Vocabulário Alargado	1	
	Vocabulário pouco Alargado	0	
Total			10

3.2.3. Apresentação e análise dos resultados

A Figura 4 apresenta os resultados da avaliação da Área do Conhecimento do Mundo das 18 crianças de 3 anos, presentes no dia desta avaliação na sala de aula.

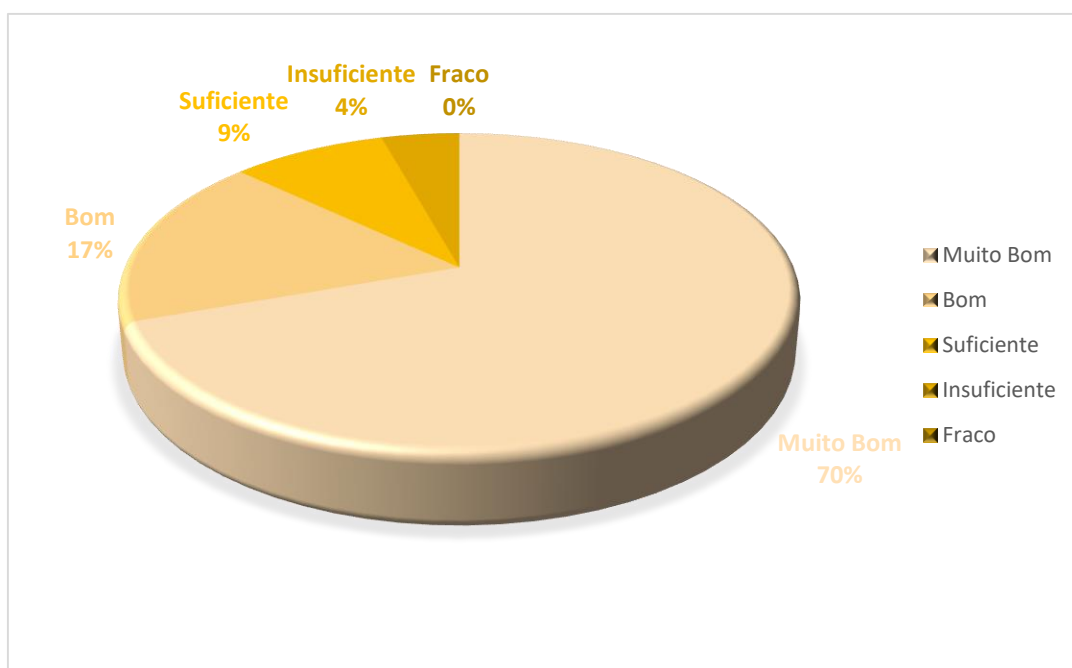


Figura 4 – Apresentação do gráfico de resultados da avaliação de Conhecimento do Mundo

Fazendo a análise do gráfico representado na figura 4, podemos concluir que os resultados desta avaliação variam entre o Insuficiente e o Muito Bom. Havendo, no entanto, uma percentagem superior de Muito Bom, nomeadamente 70% das 18 crianças obtiveram uma avaliação de Muito Bom. 17% das crianças (4 crianças) obtiveram uma avaliação de Bom, 9% das crianças obteve uma avaliação de Suficiente (2 crianças) e apenas 4% das crianças obtiveram insuficiente (1 criança). É importante referir que a criança que obteve a avaliação de insuficiente está diagnosticada com espectro de autismo.

A observação da grelha de correção (Anexo 1) possibilita-nos perceber que a maior parte do grupo demonstrou ter um vocabulário muito desenvolvido. Aos 3 anos, a criança conhece em média e é capaz de usar de 900 a 1 000 palavras (Owens, 1996, citado por Papalia, Olds & Feldman, 2009, p. 283).

Ao analisar a grelha de registo de respostas das crianças (Anexo 2), podemos ler algumas das expressões/frases ditas por eles, que fui registando durante a atividade, e que comprovam o vocabulário muito alargado. Por exemplo a C11 diz que “As frutas e legumes tem vitaminas que nos ajudam a crescer bem”, a C15 diz que “eu gosto de ir ao mercado escolher as frutas docinhas” e “no mercado há muitos legumes”.

Ao observar a grelha referida no parágrafo anterior, fica em evidencia a criança C23 que não respondeu a qualquer estímulo para estabelecer diálogo. Esta revela ter pouco vocabulário para a sua faixa etária. É importante salientar que “o desenvolvimento do vocabulário é algo que se prolonga por toda a vida dos indivíduos. O número de palavras é virtualmente inesgotável e a sua aprendizagem é sempre uma possibilidade em aberto” (Lopes et al., 2006, p.22). A criança em questão, está devidamente diagnosticada com espectro de autismo e tem criado um Plano Individual de Intervenção Precoce (PIIP), elaborado pela Equipa de Intervenção (ELI) e pela educadora responsável de sala. Todo este processo foi realizado de acordo com o Despacho n.º 405/2012, de 13 de janeiro e com o disposto no artigo 1.º do citado diploma legal, o Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI):

(...) consiste num conjunto organizado de entidades institucionais e de natureza familiar, com vista a garantir condições de desenvolvimento das crianças com funções ou estruturas do corpo que limitam o crescimento pessoal, social e a sua participação nas atividades típicas para a idade, bem como das crianças com risco grave de atraso no desenvolvimento, e funciona por articulação das estruturas representativas dos Ministérios da Saúde, da Educação e Ciência e da Solidariedade e da Segurança Social (p.1).

Relativamente aos parâmetros da participação, do interesse e do respeito pelo outro, ao longo do dia, o grupo apresentou sempre grande interesse na temática, participando de forma ativa nas atividades.

3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática

3.3.1. Contextualização da atividade

Esta proposta de trabalho do Domínio da Matemática (Anexo 3), que serviu de dispositivo de avaliação, foi implementada num grupo de 23 crianças de 4 anos. O objetivo da atividade era o cálculo da soma e a pintura por código. Esta atividade foi interdisciplinar porquanto esteve ainda associada ao tema de conhecimento do mundo do dia de São Valentim.

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

A atividade apresenta três parâmetros:

1. Motricidade fina: neste parâmetro pretende-se que a criança pinte a imagem dentro dos limites estabelecidos, ou seja, dentro das “linhas”. Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Pinta dentro dos limites;
- Pinta maioritariamente dentro dos limites;
- Pinta zonas grandes dentro dos limites;
- Pinta zonas grandes fora dos limites;
- Não pinta dentro dos limites.

2. Capacidade de somar no abstrato: neste parâmetro pretende-se avaliar a capacidade de crianças para fazerem adições +2 ou +3 sem recorrerem ao auxílio de materiais manipuláveis.

- Somar sem auxílio;
- Soma com auxílio de materiais (+3);
- Soma com auxílio de materiais (+2 e +3);
- Necessita de auxílio do adulto para efetuar as somas;
- Não fez o cálculo.

3. Pintura de código: neste parâmetro pretende-se avaliar se as crianças sabem associar o resultado da operação à cor que corresponde segundo o código.

- Pinta corretamente 9 a 12 operações;
- Pinta corretamente 9 a 7 operações;
- Pinta corretamente 7 a 4 operações;
- Pinta corretamente 4 a 1 operações;
- Não pinta nenhuma operação corretamente.

O quadro 11 apresenta os parâmetros, critérios e cotações definidas para esta atividade.

Quadro 11 – Cotações atribuídas à atividade de Matemática

	Parâmetros	Critérios	Cotação	
1	Motricidade Fina	Pinta dentro dos limites	3	3
		Pinta maioritariamente dentro dos limites	2	
		Pinta zonas grandes dentro dos limites	1.5	
		Pinta zonas grandes fora dos limites	1	
		Não pinta dentro dos limites	0	
2	Capacidade de somar no abstrato	Soma sem auxilio	4	4
		Soma com auxilio de materiais (+3)	3	
		Soma com auxilio de materiais (+2 e +3)	2	
		Necessita do auxilio do adulto para efetuar as somas	1	
		Não fez o calculo	0	
3	Pintura de Código	Pinta corretamente 9 a 12 operações	3	3
		Pinta corretamente 7 a 8 operações	2	
		Pinta corretamente 4 a 6 operações	1.5	
		Pinta corretamente 1 a 3 operações	1	
		Não pinta nenhuma operação corretamente	0	
Total				10

3.3.3. Apresentação e análise dos resultados

Na figura 5, encontram-se os resultados da avaliação da atividade de Domínio da Matemática realizada no grupo de 23 crianças.

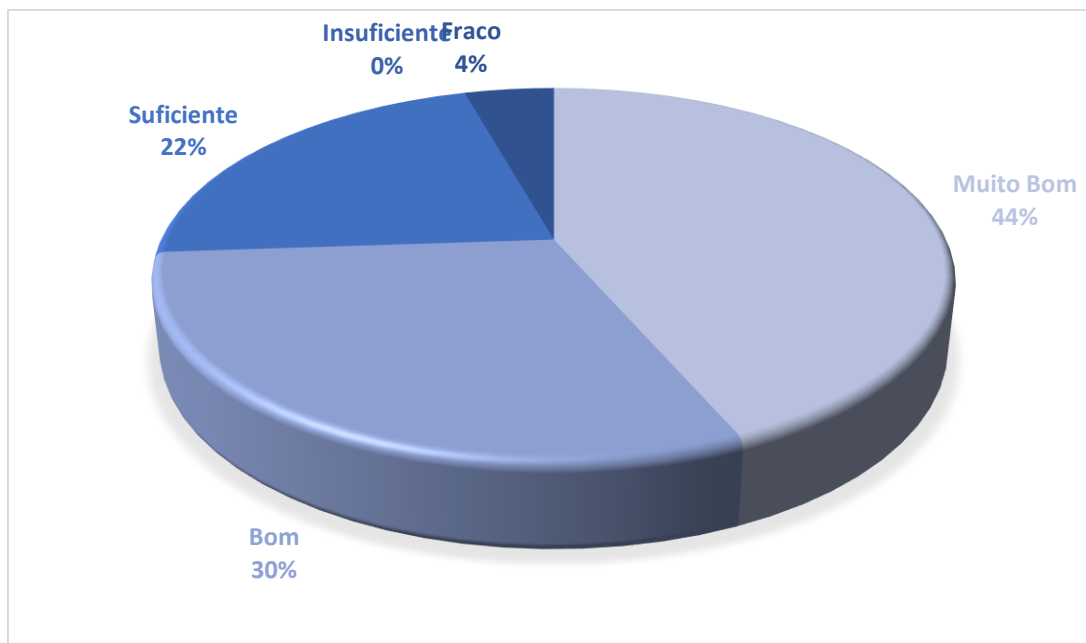


Figura 5 – Apresentação do gráfico de resultados da avaliação da atividade de Matemática

Nos resultados alcançados neste dispositivo de avaliação, averiguamos que apenas 1 criança obteve resultado de Fraco (criança com espectro de autismo). Cinco crianças obtiveram suficiente (22 %). Num grupo de 23 crianças, verifica-se que, sete crianças (30%), conseguiu atingir Bom, e 10 crianças, 44%, com Muito Bom. A média do grupo foi de 7.5, o que equivale a Bom (Figura 5).

Após análise da tabela dos resultados (Anexo 4) pude constatar que no parâmetro onde as crianças demonstraram mais dificuldade foi no parâmetro da motricidade fina. O parâmetro a seguir onde as crianças tiveram mais dificuldade, foi no parâmetro da capacidade de somar.

Os resultados da atividade foram positivos, já que 44% do grupo obteve a avaliação de Muito Bom, 30% das crianças obteve uma avaliação de Bom e apenas 4% obteve uma pontuação de Fraco.

3.4. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.4.1. Contextualização da atividade

A proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Anexo 5) foi aplicada por mim a um grupo de 19 crianças de 5 anos de idade. A educadora responsável deste grupo trabalha o método de leitura João de Deus, através da

Cartilha Maternal. Por esse motivo realizei esta atividade com o objetivo de perceber se as crianças eram capazes de identificar o grafema /d/ e o fonema correspondente; Se têm a noção de sílaba e identificam o número de sílabas e se são capazes de ler frases e de associar a frase à imagem.

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Para esta atividade foram definidos cinco parâmetros de avaliação:

- 1. Identificação do grafema /d/:** este parâmetro pretende avaliar se a criança é capaz de distinguir o grafema /d/ entre outros grafemas (/b/ e /p/). Foram definidos os seguintes critérios:
 - Identifica corretamente o grafema /d/;
 - Não identifica o grafema /d/.

- 2. Identificação do fonema [d]:** Este parâmetro pretende avaliar se a criança, através da audição de 5 palavras, é capaz de reconhecer o fonema [d]. Os critérios delineados para este parâmetro foram:
 - Reconhece corretamente o fonema [d] nas três palavras;
 - Reconhece corretamente o fonema [d] em duas palavras;
 - Reconhece corretamente o fonema [d] numa palavra;
 - Não reconhece o fonema [d].

- 3. Identificação de sílabas:** Este parâmetro pretende avaliar se a criança tem a noção de sílaba e se consegue identificar o número de sílabas na palavra. Foram definidos quatro critérios para este critério:
 - Identifica corretamente o número de sílabas em três palavras;
 - Identifica corretamente o número de sílabas em duas palavras;
 - Identifica corretamente o número de sílabas numa palavra;
 - Resposta incorreta.

- 4. Leitura de frases:** Este parâmetro pretende compreender se a criança consegue ler frases simples. Os critérios estabelecidos foram três:
 - Lê frases simples sem dificuldade;

- Lê frases simples revelando alguma dificuldade;
- Não lê frases simples.

5. Associação da frase à imagem: Este parâmetro pretende avaliar se a criança consegue associar a frase à imagem correta. Foram definidos os seguintes critérios:

- Associa a frase correta à imagem;
- Não associa a frase correta à imagem.

O Quadro 12 apresenta, de uma forma simples, os parâmetros e critérios definidos para esta atividade, bem como as cotações atribuídas aos mesmos.

Quadro 12 - Cotações atribuídas à atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita

	Parâmetros	Critérios	Cotações	
1	Identificação do grafema /d/	Identifica corretamente o grafema /d/	1	1
		Não identifica corretamente o grafema /d/	0	
2	Identificação do fonema [d]	Reconhece o fonema [d] nas três palavras	3	3
		Reconhece o fonema [d] nas duas palavras	2	
		Reconhece o fonema [d] numa palavra	1	
		Não reconhece o fonema [d]	0	
3	Identificação de sílabas	Identifica corretamente o número de sílabas em três palavras	3	3
		Identifica corretamente o número de sílabas em duas palavras	2	
		Identifica corretamente o número de sílabas em uma palavra	1	
		Não identifica sílabas	0	
4	Leitura de frases	Lê frases simples sem dificuldade	2	2
		Lê frases simples revelando alguma dificuldade	1	
		Não lê frases simples	0	
5	Associação da frase à imagem	Associa a frase à imagem correta	1	1
		Não associa a frase à imagem correta	0	
TOTAL			10	

3.4.3. Apresentação e análise dos resultados

A Figura 6 apresenta os resultados da avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita realizada com 19 crianças de 5 anos.

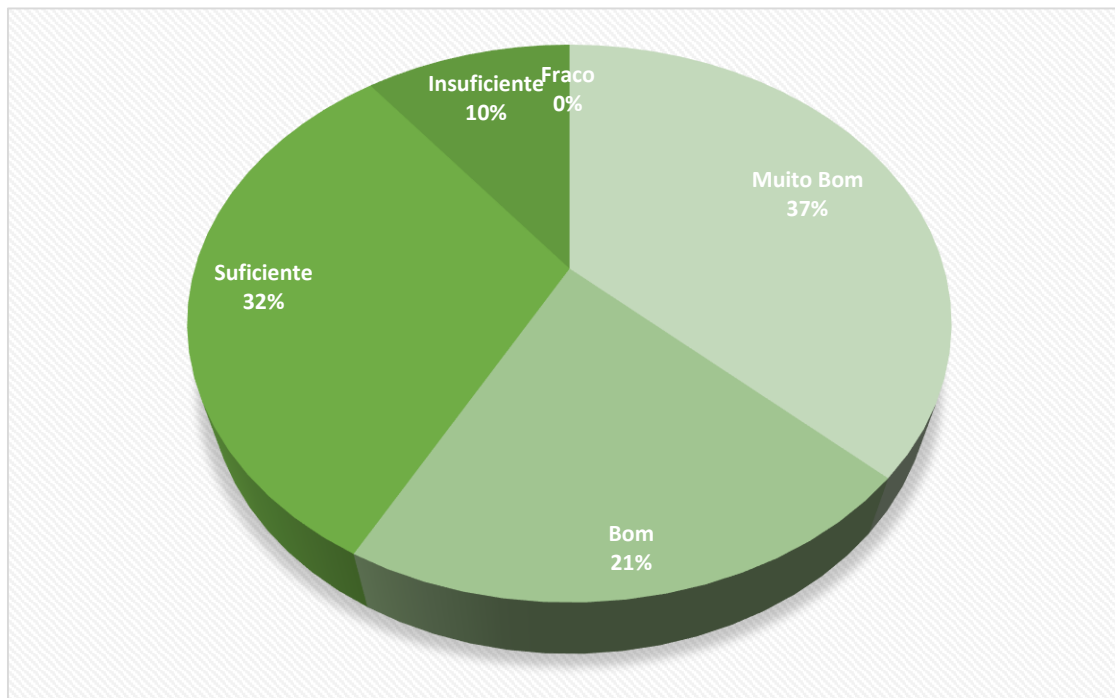


Figura 6 – Apresentação do gráfico resultados da avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

O gráfico da Figura 6 exibe os resultados desta avaliação, que variam entre o Insuficiente e o Muito Bom, sendo que 37% do grupo (7 crianças) obtiveram um resultado Muito Bom e 21% do grupo (4 crianças) Bom.

A observação da grelha de avaliação (Anexo 6) leva-nos a concluir que, relativamente ao parâmetro da identificação do grafema /d/, todas as crianças foram capazes de o identificar.

Em relação à identificação de sílabas, sete crianças identificaram as sílabas sem qualquer problema, sete crianças fizeram-no com alguma dificuldade, quatro crianças necessitaram de auxílio e uma criança não foi capaz de realizar o exercício.

Ao observar o parâmetro da leitura de frases, sete crianças fizeram este exercício sem qualquer dificuldade, nove revelaram alguma dificuldade e três não foram capazes de ler a frase. Na associação da frase à imagem nenhuma criança teve dificuldade.

Neste capítulo pude refletir sobre a importância da avaliação, mesmo na educação pré-escolar, pelo facto de ela nos permitir ter real noção das dificuldades das crianças e desta forma, podermos alterar e adaptar estratégias.

CAPÍTULO 4

PROPOSTA DE TRABALHO DE PROJETO

“Animal Ark” - Preservação da vida animal

4.1. Descrição do Capítulo

Este capítulo apresenta uma proposta de projeto dirigida a um grupo de crianças de 3 e 4 anos de idade. O tema enquadra-se na Área de Conhecimento do Mundo, mas permite uma interdisciplinaridade com o Domínio da Expressão e Comunicação. O título do projeto é “*Animal Ark*” e foi inspirado na exposição “*PhotoArk*” da *Nacional Geographic*.

Este capítulo tem como objetivo sensibilizar as crianças para a preservação da vida selvagem, propondo-lhes medidas ou ações que possam ajudar na concretização desta ação. Para isso iremos realizar algumas atividades e visitas de estudo para consciencializar as crianças (e famílias) para esta temática. O trabalho está dividido em duas partes. A 1.^a parte diz respeito à fundamentação teórica. Aqui iremos apresentar alguma informação sobre a vida selvagem, o modo para **preservar a vida selvagem e abordaremos também alguns animais em vias de extinção**. A 2.^a parte diz respeito à planificação do projeto a desenvolver com as crianças.

4.2 – Fundamentação Teórica

Ao longo do meu percurso académico e laboral, tenho visto as educadoras trabalharem o tema da preservação animal de uma forma muito “leve”, não mostrando a importância real de se preservar as espécies e ajudar os animais em vias de extinção a serem protegidos.

Pelos motivos acima mencionados, e por me encontrar a trabalhar em sala de aula com crianças, decidi realizar um trabalho cujo tema fosse a “Preservação da Vida Selvagem”. O nome do projeto, “*Animal Ark*”, foi inspirado na exposição “*PhotoArk*” da *Nacional Geographic*.

O trabalho de projeto pode ser definido como “um conjunto de práticas conscientemente finalizadas que se desenvolvem através de um processo complexo que inclui momentos de ação e representação, conduzindo à existência de interações múltiplas e diversificadas” (Silva e Miranda, 1990, p. 21).

Segundo Vasconcelos (2009, citado em Ferreira, 2016), o trabalho realizado segundo a metodologia do trabalho de projeto é baseado na participação ativa da criança. Esta deve ser envolvida no problema ao mesmo tempo que deve poder investigar, registar dados,

formular hipóteses, tomar decisões, resolver problemas, tornando-se sujeito do seu próprio conhecimento (p. 23). Desta forma, este projeto pretende envolver as crianças, sensibilizando-as para a necessidade de preservarem a natureza.

De acordo com Barbieri (2010), a biodiversidade é importante pela influência que exerce no planeta a vários níveis, designadamente:

- regularização do clima;
- proteção e manutenção dos solos ou do fornecimento de oxigénio.

O mesmo autor acrescenta ainda que o grande valor da biodiversidade justifica investimentos que visem a sua conservação. Com isto, podemos afirmar que a sociedade pode e deve desenvolver-se. No entanto, deve ter-se em consideração e prioridade, a manutenção da vida selvagem assim como os seus *habitats* naturais.

Basta ligar o Facebook, jornais online, Google, para ver títulos como estes: **“Homem coloca 1.700 espécies de animais em risco acrescido de extinção até 2070”** (Diário de Notícias, 04 março 2019); **“ONU: 1 milhão de espécies encontram-se sob ameaça de extinção”** (Diário de Notícias, 06 maio 2019); **“Perda de Biodiversidade “é tão grave como as alterações climáticas””** (Diário de Notícias, 04 maio 2019). Todos os dias uma nova espécie de animal fica em risco de extinção, o nosso planeta está a ficar cada vez mais pobre e o que fazemos nós para mudar isso? Que medidas podemos tomar?

Talvez seja importante saber o que significa a expressão “vias de extinção”? Segundo Wilson (1994, p. 418-419), o termo extinção representa o fim de uma linhagem de organismos, seja uma subespécie ou uma espécie. Assim a expressão “espécies animais em vias de extinção” representa a população de determinada espécie animal que se encontra em risco de desaparecer totalmente. É, por isso, imperativo refletir acerca das implicações das nossas próprias ações, enquanto seres pertencentes à grande esfera da biodiversidade e, neste caso particular, relativamente à preservação de espécies animais que se encontram em vias de extinção como forma a preservar a biodiversidade do planeta, caso contrário “um quinto ou mais das espécies de plantas e animais podem desaparecer ou estar fadadas a uma extinção precoce até o ano 2020 (...)” (Wilson, 1994, pp. 371-372).

Impõe-se também definir a palavra biodiversidade. De acordo com o dicionário da Academia de Ciências de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian, o termo

biodiversidade surge da contração do radical grego “bio”, que significa vida, com “diversidade”, sinónimo de variedade, significando assim variedade/diversidade de vida. Ao nível da literatura referente à biodiversidade, Gaston e Spicer (1998, p.1) interpreta-a como sendo “(...)uma tentativa de capturar a complexidade da vida (...)”, já Shiva (2000, p.8) diz que a biodiversidade é “(...) a fábrica que fornece as condições para o aparecimento e manutenção da vida e as muitas maneiras diferentes pelas quais essa vida é expressa (...)” Os dois autores referidos anteriormente entendem a biodiversidade como algo que engloba a complexidade da vida, assim como a sua importância.

Quanto à descrição da biodiversidade, esta nem sempre foi vista da mesma forma ao longo dos tempos. No passado, a diversificação da natureza que existia nos países tropicais chegou a ser vista como um impedimento ao desenvolvimento e civilização dos habitantes dessas regiões, quando era comparado com o desenvolvimento dos habitantes da Europa, o que fez com que existisse uma vasta desflorestação que tinha como objetivo homogeneizar o desenvolvimento das sociedades.

Contudo, a complexidade implícita à biodiversidade, não se limita à inventariação das diversas formas de vida existentes no planeta. Conforme salientam Veiga e Ehlers (2003), é imprescindível que as entidades compreendam também o que está a provocar a sua perda, pois só assim poderão encarar a biodiversidade como uma mais-valia.

Desta forma importa refletir sobre os aspetos que mais vezes são identificados como tendo um impacto na diminuição da biodiversidade (Veiga & Ehlers, 2003), nomeadamente:

- a destruição e alteração de *habitats*;
- a exploração de espécies selvagens;
- a introdução de espécies exóticas;
- a homogeneização (diminuição da base genética das espécies);
- a poluição;
- as mudanças ambientais globais.

Embora não seja exequível determinar uma relação direta sobre qual destes aspetos contribui mais ou menos para a diminuição da biodiversidade, sabe-se que os mesmos são consequência da ação humana.

Segundo Wilson (1994), os humanos são os que mais contribuem para o decréscimo da biodiversidade, uma vez que “(a) população humana já ultrapassou 5,4 bilhões, projeta-se que atinja 8,5 bilhões no ano 2025 e talvez se estabilize entre 10 bilhões e 15 bilhões em meados do século XXI” (p. 334). O autor diz ainda na mesma página que caso este aumento populacional continue “(...) haverá em breve muito menos espaço para a maioria das espécies de plantas e animais”.

Os aspetos referidos anteriormente, decorrentes das ações humanas, tem um grande impacto sobre a biodiversidade em geral, mas também em vários casos em particular, verificando-se, por exemplo, na diminuição de muitas espécies animais, colocando-as em vias de extinção como é o caso, por exemplo de:

- lince-Ibérico (da Península Ibérica);
- tartarugas marinhas;
- coala (da Austrália);
- lobo Ibérico.

Segundo Gaston e Spicer (1998, p.76-82), as principais razões pelas quais a biodiversidade é importante, encontram-se agrupadas da seguinte forma:

- Valor de uso direto – através da utilização direta pela sociedade (alimentação, medicina, controlo biológico de pragas, indústria, caça recreativa, ecoturismo);
- Valor de uso indireto – através do funcionamento de outros organismos do ecossistema (regulação atmosférica, regulação climática, regulação hidrológica, reciclagem de nutrientes, controlo de pragas, fotossíntese, polinização, manutenção do solo, entre outros);
- Valor de uso intrínseco – associado a questões éticas e morais relacionadas com a valorização e preservação de todas as formas de vida, ou simplesmente porque proporciona bem-estar aos humanos.

Podemos, deste modo, verificar que a biodiversidade é importante a vários níveis, o que lhe confere, consequentemente, valor inestimável enquanto “riqueza potencial, um património que é necessário preservar e gerir da melhor forma” (Pavé, 1993, p.92).

Desta forma, e no que diz respeito à gestão e preservação da biodiversidade bem como das espécies animais em vias de extinção, optei por apostar na sensibilização das crianças

para a valorização e importância das mesmas. Para preservar a biodiversidade e as espécies animais que se encontram em vias de extinção, é imprescindível tentar contrariar o aumento dos aspetos que causam impacto na sua diminuição, já referidos anteriormente.

Penso também que a escola deve ter um papel importante na educação para a cidadania. Se desde idade precoce incutirmos valores cívicos às crianças, acredito que teremos uma geração de jovens adultos mais conscientes e mais ativos na preservação da biodiversidade. Através da Lei de Bases do Sistema Educativo Português (Lei nº 46/86), é possível encontrar alguns dos princípios e valores orientadores do currículo no âmbito da educação para a cidadania, dos quais se destacam:

- a construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social;
- a participação na vida cívica de forma livre, responsável, solidária e crítica;
- o respeito e a valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções;
- a construção de uma consciência ecológica conducente à valorização e preservação do património natural e cultural;
- a valorização das dimensões relacionais da aprendizagem e dos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros.

A Educação para a Cidadania Global aumenta e valoriza as áreas e conteúdos curriculares, uma vez que possibilita aos docentes partir de aspetos de nível local, relacioná-los com aspetos de nível global e apurar a forma como se relacionam. Procurando uma solução conjunta em prol de um mundo mais pacífico e sustentável. Foi com este intuito que tentei desenvolver este projeto relativamente à importância da preservação de espécies animais em vias de extinção de forma a assegurar a continuidade da biodiversidade para que todos nós, no futuro, possamos ter o privilégio de continuar a habitar num planeta rico em biodiversidade.

Penso que ao incutir nas crianças a capacidade de reflexão sobre as suas ações, quer seja em pequenas ações ou grandes ações, relativamente à preservação da biodiversidade e à questão das espécies animais em vias de extinção, estamos a prepará-los para que, de forma autónoma, possam “desempenhar seu potencial em um mundo interdependente e em rápida mudança” (UNESCO, 2015, p.15).

Os quatro pilares da educação não se limitam no tempo e no espaço, isto é, não será apenas durante o percurso escolar que estes serão desenvolvidos. A escola apenas faculta as bases que permitem às crianças desenvolver esses mesmos pilares ao longo da vida.

Todos os anos centenas de animais correm o risco de extinção ou são mesmo extintos, em muitos casos, por responsabilidade do Ser Humano. A Plataforma Intergovernamental sobre a Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES) publicou no dia 06 de maio 2019 um relatório sobre o estado global da natureza e dos ecossistemas. Este relatório mostra que a atual situação do planeta se encontra num nível “sem precedentes” na história da humanidade.

Josef Settele (um dos principais autores do relatório IPBES) afirma neste relatório que “ecossistemas, espécies, população selvagem, variedades de locais e raças de plantas e animais domésticos estão a encolher, a deteriorar-se ou a desaparecer. A rede essencial e interconectada da vida da Terra é retraída e está cada vez mais desgastada”, este mesmo autor do alerta ainda para “a perda que o planeta está a enfrentar é uma consequência direta da atividade humana”

É necessário sensibilizar as nossas crianças desde cedo para esta problemática para que num futuro próximo sejam adultos ativos na preservação da vida selvagem e esta situação fique controlada.

4.3. Desenvolvimento do Projeto

4.3.1. Problema

De que forma podemos sensibilizar as crianças da pré-escolar para a preservação da natureza?

De que forma podemos evitar a extinção de animais?

4.3.2. Problemas Parcelares

- Como preservar os *habits* naturais?
- Como respeitar os seres vivos considerando a sua importância para a manutenção do planeta?

4.3.3. Destinatários

Os destinatários deste projeto são um grupo de 21 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos. Este grupo frequenta o Jardim de Infância de uma IPSS no concelho de Vila Franca de Xira, no qual desenvolvo a minha atividade profissional. A maioria das famílias destas crianças pertence a uma classe social média, com recursos económicos equilibrados. De 42 pais, apenas 7 têm formação superior e 16 têm o 12º ano concluído. É ainda importante referir que das 21 crianças, 6 são estrangeiras (Angola, São Tomé, Cabo Verde, Ucrânia e Brasil). Neste grupo existe também uma criança com espectro de autismo (diagnosticado há 2 meses) e uma criança com suspeita de défice cognitivo.

4.3.4. Entidades envolvidas

As entidades envolvidas no projeto são:

- Uma IPSS (Centro Social Paroquial);
- Junta de Freguesia;
- Câmara Municipal;
- Familiares.

4.3.5. Motivação e negociação

Ao longo do projeto foram criadas estratégias para alertar e sensibilizar as crianças para esta temática. Iremos realizar visitas de estudo (como por exemplo à exposição “*Photo Ark*”) assim como visualizar pequenos vídeos alusivos ao tema. Iremos também criar histórias ou contar histórias de autor alusivas ao tema. Desta forma, não só estaremos a abordar temáticas do Conhecimento do Mundo, como também faremos interdisciplinaridade com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Educação Musical.

4.3.6. Objetivos Gerais

- Transmitir valores de educação para a cidadania;
- Transmitir a importância do trabalho de equipa;
- Transmitir a importância dos nossos atos perante a sociedade.

4.3.7. Objetivos específicos

- Sensibilizar as crianças para estratégias de preservação da vida selvagem (ex.: voluntariado de limpeza das matas, apadrinhamento de um animal selvagem que esteja numa reserva natural, evitar participar nas atrações turísticas que envolvam animais (andar de elefante, andar de camelo, tirar fotos com cobras, papagaios, etc));
- Responsabilizar para a importância da manutenção das diferentes espécies de animais;
- Sensibilizar para a manutenção dos espaços verdes (jardins, florestas, matas).

4.4. Planeamento

1.ª fase – Abordagem e sensibilização ao tema

Nesta primeira fase iremos realizar uma visita de estudo à exposição “*PhotoArk*” (Anexo 7) da *Nacional Geographic* de forma a que as crianças vejam diferentes animais através de imagens reais. A partir desta visita iremos sensibilizar as crianças para esta temática, através do diálogo e da compreensão do significado da expressão “animais em vias de extinção”. Depois faremos um jogo no qual, através da audição dos sons dos animais, as crianças terão de adivinhar qual o animal e separá-lo por características físicas (se tem pelos, penas, escamas, etc.).

2.ª fase - Trabalho de campo

A segunda fase do projeto começa com um TPC (de forma a envolver os encarregados de educação ativamente). As crianças, de forma autónoma, escolhem, a partir de fotografias (Anexo 8), um animal em vias de extinção (ex.: lince ibérico, coala, tartarugas marinhas e o lobo ibérico). Seleccionámos estes animais pois são aqueles que fazem parte das suas referências, e em casa (juntamente com os pais), têm de descobrir qual a sua alimentação, onde habitam e quantas crias podem ter por gestação. Esta última questão pretende fazer a interdisciplinaridade com o Domínio da Matemática, trabalhando o “maior número” e “menor número”, fazendo cálculos de soma e subtração e associamos o número ao algarismo.

Os encarregados de educação colaborarão na apresentação final das pesquisas feitas, incentivando o entusiasmo dos seus educandos nas descobertas sobre as características dos animais seleccionados. Ao fazerem uma “apresentação” do seu animal,

as crianças desenvolvem a memória, vocabulário, autonomia e socialização (fazendo assim ponte com várias áreas de aprendizagem propostas nas unidades curriculares).

3.ª fase – Implementação do projeto

A terceira fase do projeto é iniciada com a leitura do livro “Capuchinho Vermelho do século XXI” da Luísa Ducla Soares. Este livro é uma versão moderna do capuchinho vermelho tradicional. Nesta versão, os lobos não são os vilões da história, mas sim as vítimas (animais indefesos e em perigo de desaparecerem por culpa do Homem). Esta história faz ainda referência ao “centro de recuperação do lobo ibérico” localizado em Mafra. Uma vez que a história é uma narrativa aberta, pedimos às crianças que, em grupo e com a minha orientação, escrevam um final para aquela história.

Pegando no final escrito pelas crianças, falamos sobre o que nós poderíamos fazer para ajudar os animais. Falamos dos incêndios e de como estes destroem a “casa” dos animais e os deixam desprotegidos; falamos da poluição e do lixo no mar e na terra (que faz com que os animais marinhos e terrestres morram, porque comem plásticos e outros materiais prejudiciais à sua saúde); da exploração que os animais sofrem (nos circos, feiras, e atração turística); falamos da importância da separação do lixo e dos cuidados com as fogueiras e do respeito pelos animais, em geral.

Como atividade de consolidação, faremos dois cartazes: um com os animais que existem no nosso planeta e outro com os animais que estão em vias de extinção ou já extintos. Desta forma, poderemos visualizar como o nosso planeta fica mais pobre cada vez que se extinguem as espécies ameaçadas.

4.ª fase – Divulgação do projeto

A consolidação do projeto será na festa de final de ano. Cada criança irá representar um animal selvagem e juntos vão dançar a música da Xana TocToc “Os animais da selva”. No final da música vão apresentar os seus cartazes (realizados na fase 3) e dirão algumas medidas para salvar os animais (estas medidas/ações serão verbalizadas e gravadas previamente pelas crianças (neste dia faz-se apenas a reprodução). Desta forma, iremos sensibilizar não só as crianças que participam no projeto, como também as suas famílias e restante comunidade escolar.

4.5. Recursos

Recursos físicos:

- Televisão e DVD;
- Autocarro da Câmara Municipal (custo de 2.50€ por criança);
- Entradas para a exposição *Photo Ark* (custo de 4€ por criança);
- Cartolinas, canetas;
- Livro “Capuchinho Vermelho Século XXI”;
- Imagens reais de: coala, lince ibérico, lobo ibérico e tartarugas marinhas;
- Música da Xana TocToc;
- Vídeo com sons dos animais.

Recursos Humanos:

- Educadoras e auxiliares da sala;
- Pais e encarregados de educação;
- Crianças;
- Comunidade escolar da IPSS.

4.6. Produtos Finais

- Exposição das pesquisas feitas pelas crianças e encarregados de educação;
- Apresentação dos cartazes na festa de final de ano;
- Afixação das fotografias da visita de estudo e dos trabalhos realizados relativos ao projeto;
- Divulgação das fotografias na página do *Facebook* da escola.

4.7. Avaliação

A avaliação será dividida em duas partes. Avaliação do processo e avaliação final.

A avaliação do processo terá duas avaliações. Uma feita pelas crianças (Anexo 9) e outra feita pelo educador (Anexo 10) as grelhas de avaliação são as grelhas da instituição.

4.8. Calendarização

O quadro 13 apresenta a distribuição no tempo das atividades do projeto.

Quadro 13 – Calendarização do projeto

Atividades / Meses do ano	Abril	Maio	Junho
Conceções prévias das crianças	X		
Motivação e Negociação	X		
1.ª fase		X	
2.ª fase		X	
3.ª fase			X
4.ª fase			X
Avaliação do processo	X	X	X
Avaliação do produto final			X

4.9. Considerações finais do projeto

Com esta proposta de trabalho de projeto, pretende-se que as crianças fiquem sensibilizadas e consciencializadas para a importância da biodiversidade, mais concretamente preservação da vida selvagem. Espero que através dele as crianças adquiram conhecimentos e valores sobre esta temática e que no futuro possam ajudar a preservar a vida animal.

Ainda que as crianças também ganhem sentido de responsabilidade em preservar a vida selvagem no nosso planeta e que consigam transmitir aos outros (no futuro) a importância da diversidade da vida selvagem.

Em suma, pretende-se que as crianças entendam que elas têm um papel ativo e importante na preservação da vida selvagem e que com atitudes simples do dia a dia podem ajudar à sua conservação, percebendo a importância de trabalharem em equipa e de cooperar para o bem comum.

Juntos somos mais fortes e só assim podemos ambicionar mudar o nosso mundo, mudando mentalidades!

REFLEXÃO FINAL

Em 2007 iniciei o sonho de ser educadora de infância. Escolhi a Escola Superior de Educação João de Deus para que me dotasse de meios para ser a melhor profissional possível. Nesta escola aprendi muito, mas essencialmente aprendi que as crianças são surpreendentes e que são elas que nos moldam e formam enquanto profissionais.

Foi um percurso longo e árduo, mas que não trocava por nada. Foram três anos de licenciatura e dois de mestrado onde as palavras “aprendizagem” e “resiliência” sobressaem a qualquer outra.

Muitos questionam-me o “porquê” de ter escolhido esta nobre instituição para me formar, a resposta é simples, nenhuma outra escola iria proporcionar-me a exigência necessária para exercer esta profissão. Nenhuma outra escola deixar-me-ia tão bem preparada (em termos de conteúdos, resistência emocional, conhecimento científico) como a ESE João de Deus.

Agradeço todos os estágios que me proporcionaram, sem eles o meu à-vontade e confiança em frente ao grupo de crianças não seria o mesmo. Contactei com diversos grupos de faixas etárias distintas e também diferentes modelos de educadoras, o que me fez refletir e perceber que tipo de profissional quero ser e que práticas pretendo ou não adotar. O estágio, segundo Zabalza (2015), “é uma oportunidade de aprendizagem fundamentada no trabalho” (p.39).

O contacto com diferentes educadoras foi muito enriquecedor. A influência que as “educadoras-cooperantes exercem sobre os educadores-estagiários é, também, definida pelas relações de cumplicidade ou de confiança que são estabelecidas ao longo do processo de integração” (Mesquita-Pires, 2007, p. 155). Sem dúvida que, ao longo do meu estágio, a boa relação que fui criando com as educadoras ajudou-me muito, não só a vencer as minhas dificuldades, mas também a aprender várias estratégias para executar atividades com as crianças.

O ato de aprender é um procedimento que é progressivo, e a realização do estágio profissional é essencial na formação inicial de um educador. A “teoria e a prática estão extremamente interligadas” (Mesquita & Roldão, 2017, p.40). Esta ligação foi benéfica para mim, não só por ter conhecido novas metodologias, técnicas e estratégias sobre a

educação, mas também aprendi a gerir o tempo, a planejar atividades e a avaliar os seus resultados.

Toda a equipa de supervisão pedagógica e os professores da parte curricular do Mestrado foram essenciais neste percurso. O papel da supervisão é, como referem Alarcão e Tavares, “orientar, aconselhar e até mesmo avaliar os professores em sala de aula, ajudando-os desta forma a aperfeiçoar as suas práticas e fazer destes melhores profissionais” (citados em Mosqueira & Almeida, 2017, p. 30). Todo o *feedback* que fui recebendo dos supervisores e dos professores durante as aulas de Mestrado auxiliou-me não só a refletir, como também a melhorar as minhas estratégias em sala de aula.

Durante a elaboração deste Relatório de Estágio tive em ponderação todos os momentos de Prática Profissional que decorreram ao longo de três semestres, observando e analisando atividades elaboradas por educadoras ou por alunos estagiários. Apesar de toda a elaboração deste Relatório ter sido difícil, o capítulo em que senti mais dificuldades foi o terceiro, o da avaliação. Até à data nunca tinha feito avaliação nestes moldes.

No que diz respeito às “limitações”, sem dúvida que foi um grande desafio adaptar o meu relatório de estágio anterior ao novo modelo. Exigiu muita pesquisa por fontes mais atuais e saber selecionar as situações mais pertinentes, apesar de já com alguns anos. Outra das limitações está relacionada com o tempo. Na verdade, a carga horária do meu trabalho a tempo inteiro e a maternidade recente não possibilitou muito tempo para a elaboração do mesmo.

A partir de agora, o meu maior desafio será manter esta paixão que tenho pela educação pré-escolar, e mais importante que isso, é continuar a ser capaz de transmitir aos meus meninos todos os conhecimentos que tenho (e que ainda vou adquirir) com a mesma paixão e entusiasmo que o faço atualmente. Como diz Montessori: “para ser eficaz, uma atividade pedagógica deve consistir em ajudar a criança a avançar no caminho da independência”. Tendo esta citação como inspiração fica aqui a minha promessa de exercer esta profissão com zelo, integridade e amor em prol da educação para a independência e autonomia das crianças com quem irei trabalhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bento, C., Coelho, R., Joseph, N., & Mourão, S. J. (2005). *Programa de generalização do ensino do inglês no 1º ciclo do ensino básico – Orientações programáticas*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Brandão, C. R. (2002). *A Educação como Cultura*. Campinas: Mercado das Letras.
- Barbieri, E. (2010). Biodiversidade: A variedade de vida no planeta terra. Texto técnico disponível em www.pesca.sp.gov.br/biodiversidade.pdf
- Carvalho, A. (1995). *Novas metodologias em educação*. Porto Editora. Porto.
- Caldeira, M. F., Pereira, P. C., & Botelho, T. S. (2017). Supervisão e avaliação da prática profissional. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 47-69.
- Caldeira, M. F. (2010). *Aprender a Matemática de uma Forma Lúdica*. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.
- Cardoso, L. D. (2010). *A planificação do ensino: análise de planificações do 1º ciclo do ensino básico* (tese de mestrado). Universidade de Coimbra.
- Circular n.º 4 - DGIDC/DSDC (2011), de 11 de abril. Avaliação na Educação Pré-Escolar.
- Curry, A. (2003). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*. Lisboa: Pergaminho.
- Cardona, M. J. (2007). A avaliação na educação de infância: as paredes das salas também falam! Exemplos de alguns instrumentos de apoio. *Cadernos de Educação de Infância*, 88, 10-15.
- Deus, M.C. (1997). *Guia Prático da Cartilha Maternal*. Lousã: Associação de Jardins-Escola João de Deus
- Despacho n.º 405/2012, de 13 de janeiro.
- Decreto-Lei n.º 46/86, de 14 de outubro: Lei de Bases do Sistema Educativo.
- Ferreira, A. P. B. (2016). Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências. Disponível em <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20597/1/tese%20Ana%20Ferreira.pdf>
Consultado em fevereiro de 2020
- Freire, P. (1999). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Rio de Janeiro. Paz e Terra.
- Gaston, K., & Spicer, J. (1998). *Biodiversity. An Introduction*. Oxford: Blackwell Science.
- Lopes, J., & Silva, H. S. (2011). *O professor faz a diferença*. Lisboa: Didel. (pp.155-173).
- Lopes, J. A. (coord.), Miguéis, G., Dias, J. L., Russo, A., Barata, A. F., Lopes, T. e Damião, F. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Lisboa: ASA

- Lopes, J. e Silva, H. S. (2016). 50 Técnicas de avaliação formativa. Lisboa: Lidel.
- Martins, I. (coord.), Veiga, L. M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, M. R., Rodrigues, A. V., & Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a ciência – atividades dos 3 aos 6 anos*. Ministério de Educação.
- Mateus, D. (1997). *(Des)construção ideológica de um conto infantil “O capuchinho vermelho” revistado por alunos do ensino secundário: uma experiência pedagógica no âmbito da área-escola*. Tese de mestrado. Lisboa: Universidade Clássica de Lisboa.
- Mosqueira, P., & Almeida, J. M. (2017). O papel da supervisão pedagógica nos primeiros anos da prática docente no 1.º ciclo do ensino básico. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 5, 28-42.
- Marchão, A. J. G., & Fitas, P. (2014). A avaliação da aprendizagem na educação pré-escolar. O portefólio da criança. *Revista Iberoamericana de Educación*, 64, 27-41.
- Neto, C. (2003). *Jogo & desenvolvimento da criança*. Lisboa: FMH Edições.
- Pereira, M. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. (Dissertação de doutoramento). Málaga: Universidad de Málaga, Facultad de Ciencias de la Educación. Departamento de Didáctica de la Lengua y la Literatura.
- Pires, M. N. (2005). *Pontes e Fronteiras. Da literatura tradicional à literatura contemporânea*. Lisboa: Caminho.
- Portugal, G., & Laevers, F. (2018). Avaliação em educação pré-escolar. Sistemas de acompanhamento das crianças. Porto: Porto Editora.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2009). O mundo da criança (11.ª ed.). Portugal: Editora McGraw-Hill.
- Pavé, A. (1993). A diversidade biológica, um património a preservar. In C. Beaud, M. Beaud, & M.L. Bouguerra. Estado do ambiente no mundo (pp. 92-93). Lisboa: Instituto Piaget.
- Ruivo, I., M., S. (2006). João de Deus: Método de Leitura com Sentido. *Actas do VI Encontro Nacional (IV Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Braga. Universidade do Minho.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. (Dissertação de doutoramento). Málaga: Universidad de Málaga, Facultad de Ciencias de la Educación. Departamento de Didáctica de la Lengua y la Literatura.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.
- Sim-Sim, I., Silva, A., e Nunes, C. (2008). Linguagem e comunicação no jardim-de-infância. Lisboa: Ministério da Educação.

Silva, I., & Miranda, G. (1990). Projeto Alcácer. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
Fonte: Wikipédia. Disponível em

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o> e trabalho de projeto##cite note-miranda-1. Consultado em fevereiro de 2020.

Shiva, V. (2000). Tomorrow's Biodiversity. London: Thames & Hudson.

Unesco (2015). Educação para a cidadania global (ECG). A abordagem da UNESCO. Brasília: UNESCO.

Unesco (2015a). Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília: UNESCO.

Vasconcelos, T., Rocha, C., Loureiros., C. Castro., J. Menau., J. Sousa., O. Alves., S.,... (2012). *Trabalhos por projetos em educação de infância*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

Veiga & Ehlers (2003). Diversidade biológica e dinamismo econômico no meio rural. In P. May, M. Lustosa & V. Vinha. *Economia do meio ambiente*. (pp. 271-289). Rio de Janeiro: Elsevier.

Wilson, E. O. (1994). Diversidade da vida. São Paulo: Companhia das Letras.

Zabalza, M. A. (1994). Planificação e desenvolvimento curricular na escola. Porto: Edições ASA.

Sites de Referência

<https://www.dn.pt/lusa/interior/homem-coloca-1700-especies-de-animais-em-risco-acrescido-de-extincao-ate-2070-10643578.html>

https://www.dn.pt/vida-e-futuro/interior/1-milhao-de-especies-encontram-se-sob-ameaca-de-extincao--10866231.html?fbclid=IwAR2SF_BVvKomWTLUpXyR_cyD7CTyVFr54w2b6U8QQnPaESHr1QhSijzwjO

<https://www.ipbes.net/news/Media-Release-Global-Assessment>

<https://www.obichinhodosaber.com/blog/frases/>

Anexos

ANEXO 1

Grelha de observação da proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Grelha de observação da proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	1. Interesse				2. Participação				3. Respeito pelo próximo				4. Vocabulário				Total	
	1.1	1.2	1.3		2.1	2.2	2.3		3.1	3.2	3.3		4.1	4.2	4.3			
Critérios	3	1.5	0		2	1	0		3	1.5	0		2	1	0		10	Classificação
Cotações																	10	
C1	x				x				x				x				10	Muito Bom
C2	X				x				x				x				10	Muito Bom
C3		x				x				x			x				6	Suficiente
C4	x				x				x				x				10	Muito Bom
C5	x				x				x				x				10	Muito Bom
C6	X				x				x				x				10	Muito Bom
C7	x				x				x				x				10	Muito Bom
C8	x					x			x					x			8	Bom
C9	x					x			x					X			8	Bom
C10		x			x					x			x				10	Muito Bom
C11	X				x				x				x				10	Muito Bom
C12	x				x				x				X				10	Muito Bom
C13	X				x				x				x				10	Muito Bom
C14	x				x				x				X				10	Muito Bom
C15	X				x				x				x				10	Muito Bom
C16	X					x			x					x			8	Bom
C17	X				x				x				X				10	Muito Bom
C18		x				x				x			x				6	Suficiente
C19	X				x				x				x				10	Muito Bom
C20	X				x				x				X				10	Muito Bom
C21	x					x			x					x			8	Bom
C22	X				x				x				x				10	Muito Bom
C23		x									x			x			3.5	Insuficiente
Média de Grupo																	9	Muito Bom

Crianças

ANEXO 2

**Grelha de registo de respostas das crianças sobre a atividade da Área do
Conhecimento do Mundo**

Grelha de registo de respostas das crianças sobre a atividade da Área do Conhecimento do Mundo	
Unidade de contexto	Unidade de registo
	C1 “Alimentos saudáveis são os alimentos que nascem da terra”
	C2 “É saudável comer fruta, legumes e sopa”
	C3 “Alimentos saudáveis é a maçã”
	C4 “Para sermos saudáveis temos de comer de tudo”
	C5 “Alimentação saudável é não comer doces”
	C6 “Para comermos bem temos de comer as couves todas”
	C7 “As frutas, legumes, carne e peixe são alimentos saudáveis”
	C8 “A alface, tomate e brócolos são saudáveis”
	C9 “Os legumes da horta do avô são saudáveis”
	C10 “A minha mãe diz que devo comer os legumes todos para ser saudável”
	C11 “As frutas e legumes tem vitaminas que nos ajudam a crescer bem”
	C12 “Os legumes são bons para fazer sopa”
	C13 “Eu gosto de fazer salada de fruta com as frutas do quintal da avó”
	C14 “Os brócolos, o feijão verde e todos os legumes têm muitas vitaminas”
	C15 “eu gosto de ir ao mercado escolher as frutas docinhas” “no mercado há muitos legumes”
	C16 “As comidas verdes são saudáveis”
	C17 “a minha mãe obriga-me a comer legumes todos os dias... eu não gosto muito mas não quero ficar doente”
	C18 “As frutas são saudáveis, mas eu gosto de doces”
	C19 “eu compro os legumes no supermercado, como muita alface para ser saudável”
	C20 “o meu pai é gordo porque não come legumes. A minha mãe ralha sempre com ele”
	C21 “Todos os legumes e frutas são saudáveis”
	C22 “o meu irmão faz birra para comer a sopa, eu não”
	C23 Não respondeu

ANEXO 3

Dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Nome:

Data: 14 Fevereiro

1. Pinta a imagem de acordo com o código. As zonas sem operação pinta livremente.

5

8

12

6



ANEXO 4

Grelha de observação da proposta de atividade de Domínio da Matemática

ANEXO 5

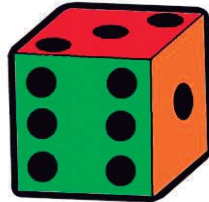
Dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

1 – Ouve o nome das imagens.

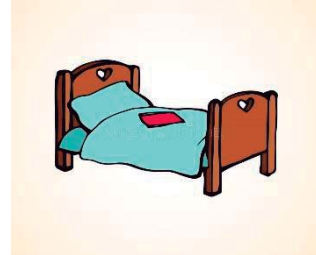
1.1 - Faz um círculo encarnado à volta das palavras que começam com a letra /d/.



Igreja



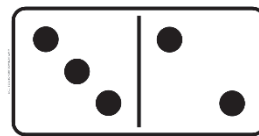
dado



Cama



Doninha



Dominó

2 - Lê as palavras.

2.1 – Pinta o número de sílabas que cada palavra tem.

dia



dói



dado

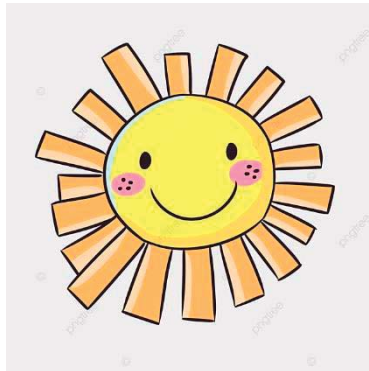


3 – Lê a frase.

3.1 – Escreve a frase.

3.2 Faz um desenho alusivo à frase.

É de dia.



ANEXO 6

**Grelha de observação da proposta de atividade do Domínio da
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

Grelha de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1.1 – Identificação do Grafema /d/		Identificação do Fonema [d]								Noção e identificação de sílabas				Leitura de frases				Associação de frase à imagem			Total	
			1.2.1	1.2.2	1.2.3	1.2.4	1.3.1	1.3.2	1.3.3	1.3.4	1.4.1	1.4.2	1.4.3	1.5.1	1.5.2								
	1.1.1	1.1.2	1.2.1	1.2.2	1.2.3	1.2.4	1.3.1	1.3.2	1.3.3	1.3.4	1.4.1	1.4.2	1.4.3	1.5.1	1.5.2	10	Classificação						
Critérios																							
Cotações	1	0	3	2	1	0																	
C1	x			x				x						x		7	Bom						
C2	x		x							x				x		10	Muito Bom						
C3	x			x						x				x		6	Suficiente						
C4	x		x							x				x		10	Muito Bom						
C5	x		x							x				x		10	Muito Bom						
C6	x													x		5	Suficiente						
C7	x			x										x		7	Bom						
C8	x		x							x				x		10	Muito Bom						
C9	x													x		3	Insuficiente						
C10	x			x										x		5	Suficiente						
C11	x		x							x				x		10	Muito Bom						
C12	x													x		4	Insuficiente						
C13	x		x							x				x		10	Muito Bom						
C14	x													x		6	Suficiente						
C15	x													x		6	Suficiente						
C16	x		x							x				x		10	Muito Bom						
C17	x			x										x		7	Bom						
C18	x			x										x		7	Bom						
C19	x													x		6	Suficiente						

Crianças

Média de Grupo 7,3

Bom

ANEXO 7

Imagens recolhidas na visita à exposição “*PhotoArk*”



Figura 7 - Visita de estudo Photo Ark



Figura 8 - Visita de estudo Photo Ark



Figura 9 - Visita de estudo Photo Ark

ANEXO 8

Fotos dos animais selecionados pelas crianças



Figura 4 - Coala



Figura 5 - Lince Ibérico



Figura 6 - Lobo Ibérico



Figura 7 - Tartaruga Marinha

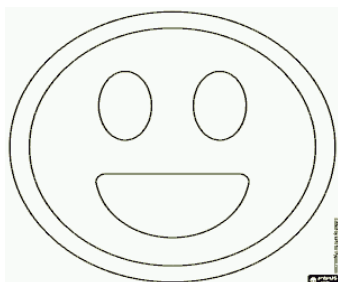
Centro Social Paroquial

Sala 3B

Nome: _____

Data: __/__/2019

1. Gostaste de descobrir como ajudar a salvar os animais? Se sim pinta a cara sorridente, se não pinta a cara triste.



- 1.1 – Faz um desenho do animal em vias de extinção que mais gostas.

ANEXO 9

Grelha de avaliação feita pelas crianças

ANEXO 10

Grelha de avaliação feita pelas educadoras

Grelha de Autoavaliação

Critérios	MB	B	S	NS
Satisfação das Crianças				
Promoção da autonomia das Crianças				
Desempenho e progressão das crianças				
Gestão dos conflitos na sala				
Gestão dos recursos e tempo				
Atividades desafiantes (grau de dificuldade)				
Adequação do projeto aos objetivos propostos				
Organização da sala				

Legenda:

MB – Muito Bom

S - Satisfaz

B – Bom

NS – Não Satisfaz

1 - Aspetos a Melhorar:

A educadora:

Castanheira Do Ribatejo, _____ 2019

Grelha de Observação

Critérios	MB	B	S	NS
É pontual e assíduo				
Respeita os pares e adultos				
Respeita as regras durante as diferentes atividades				
Realizou as atividades				
Tem iniciativa				
É autónomo na realização das atividades				
É curioso e empenhado na realização das atividades				
É rigoroso na realização de atividades				

Legenda:**MB** – Muito Bom**S** - Satisfaz**B** – Bom**NS** – Não Satisfaz

A educadora

Castanheira do Ribatejo, _____ 2019